

CENTROAVANTES A HISTÓRIA DOS MAIORES GOLEADORES SÃO-PAULINOS



a revista oficial do

são paulo

Nº 116 - R\$4,50



O ESPECIALISTA

Com **LUÍS FABIGOL**
é bola na rede!

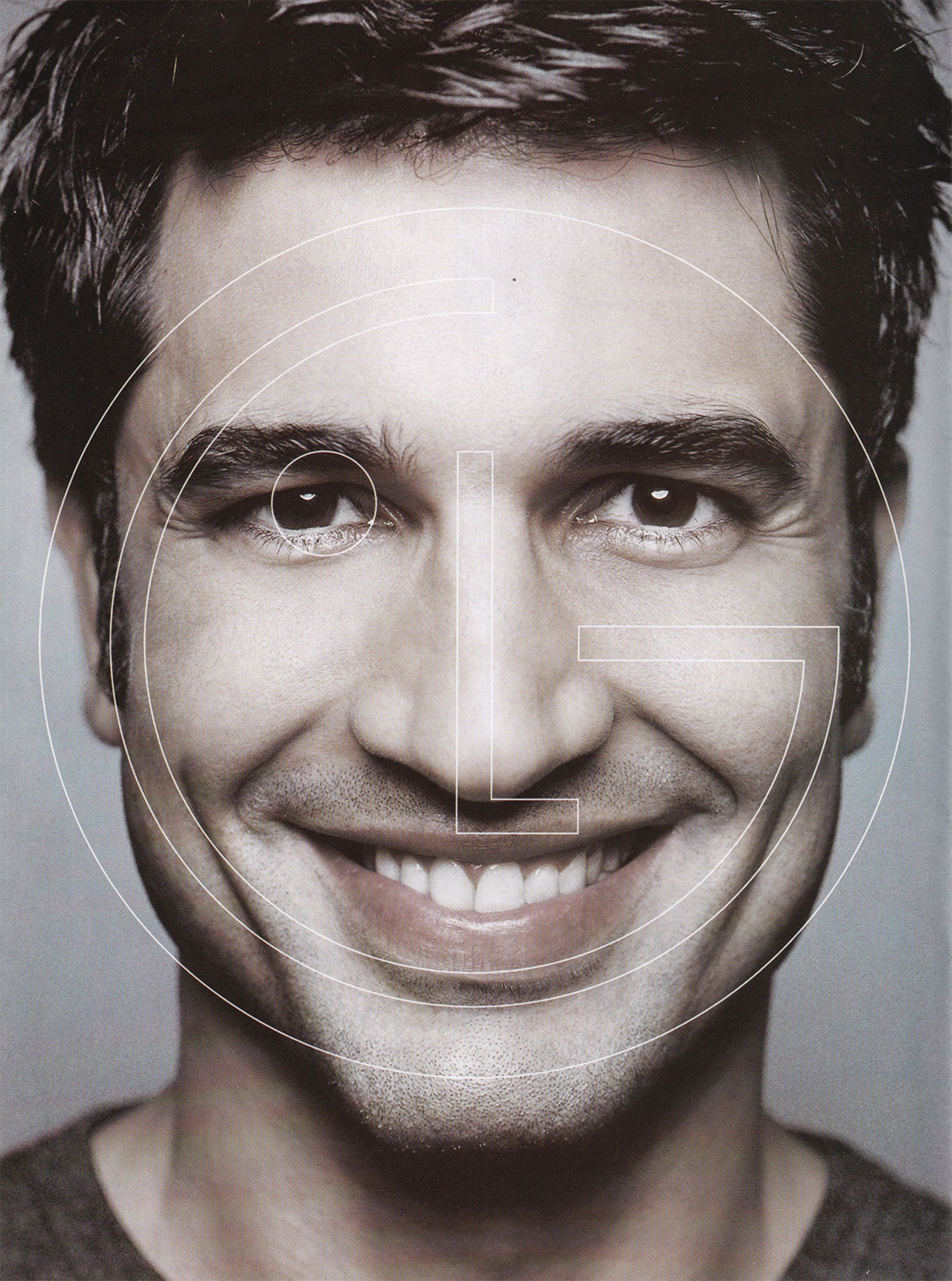


FLAVIA CAVALCANTI
Da Casa dos Artistas
3 para a sua casa

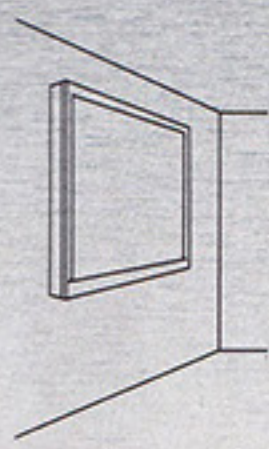
FUTEBOL ZEN
Toda a categoria da
comentarista Soninha

Por onde
anda
GETÚLIO,
um mineiro
bom de bola





É UMA ESPÉCIE DE TROFÉU.
SÓ QUE EM VEZ DE COLOCAR NA PRATELEIRA,
VOCÊ PÕE NA PAREDE.



Telas de plasma LG. Design inovador e a maior linha do mercado: 40", 42", 50" e 60", a partir de 7,8 cm de espessura. Alta definição de imagem. Formato 4x3 (convencional) e 16x9 (widescreen). Conexão para computador, vídeo, DVD, câmera, games e compatibilidade com TV digital.

www.lge.com.br

LG. DIGITAL POR VOCÊ.

 **LG**
Digitally yours

EXPEDIENTE

Presidente do Conselho Deliberativo

Luiz Cássio dos Santos Werneck

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo

Claudio Aidar

Presidente do Conselho Consultivo

Ives Gandra da Silva Martins

Presidente do Conselho Fiscal

Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Luiz Marcio Domingues Aranha

Conselho Editorial

Luiz Celso de Piratininga, José Acras,
Rui Branquinho e Fernando Portela

Jornalista Responsável

Carlos A. Bortole Mtb 29442

Editor

Carlos Mesquita

Secretária de redação

Ana Carolina Coutinho (textos e produção)

Produção

Ingrid Oldenburg (maquiagem) e Ana Fuccia

Reportagem

Fernando Savaglia, Cinthia Gagliardi,
Andréa Longue e Ana Paula Andrade

Colunistas

Agnelo Di Lorenzo e Paulo Planet Buarque

Fotógrafos

Rubens Chiri/Perspectiva e Tatyana Alves

Arte

Celso Andrade, Marco Basile,
Rogério C. Macadura

Colaboração

Francisco Santos, Igor Amorim, Dorinho
(charge), Juca Pacheco, Mariana Souza
e Juliana Welling

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo

Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01

Cep 05653 - 070

Telefone 0xx11 3749-8000

(Publicação Bimestral)

A Revista Oficial do São Paulo
é uma publicação da Diretoria
de Comunicações

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda

Fone: (0xx11) 3866-2770

Distribuição: Fernando Chinaglia

Impresso pelo processo
direct-to-plate por Prol Indústria
Gráfica Ltda



Índice

04 Índice

06 Imagens

Rogério Ceni: mais um golaço de
falta do melhor goleiro do Brasil

08 Páginas Amarelas

Um bate-bola com Soninha sobre
religião, música, trabalho e futebol

12 Por onde anda

Getúlio, o demolidor do Morumbi,
não se afastou do mundo da bola

14 Homenagem

O adeus a um dos maiores
artilheiros do clube, Gino Orlando

18 Perfil

Um curinga chamado Gustavo Nery

32 Centroavantes

A história e as glórias de todos
os jogadores que marcaram

muitos gols pelo SPFC

36 Paixão Tricolor

Flavia Cavalcanti, são-paulina
de corpo e alma

38 Campeonato

A tabela dos jogos do Paulistão 2003,
mais Copa do Brasil e Campeonato

Brasileiro

44 Notícias do Tricolor

Os reforços, Paulo Planet, Epopéia do
Morumbi, Campanha do Agasalho 2003...

Editorial



Ele é o cara da camisa 9

Brigador, raçudo, técnico, matador. Adjetivos não faltam para qualificar Luís Fabiano, de longe o melhor atacante brasileiro da atualidade em atividade no País.

Com características difíceis de conjugar num atleta de sua posição, ele vem se destacando desde os últimos campeonatos de que participou.

Para falar apenas um pouco, basta lembrar que o rapaz foi o jogador que mais vezes marcou no torneio nacional de 2002 e no Paulista de 2003. Neste instante, já desponta como um dos artilheiros do Brasileirão que está em andamento. Ou seja, na frente do gol é uma arma quase letal. Vai entender a cabeça dos franceses quando o dispensaram do Rennes! Mas ninguém aqui está reclamando, pelo contrário. Foi uma dádiva aos são-paulinos.

Neste começo de temporada, Luís balançou as redes adversárias como nunca e assumiu o posto de segundo maior goleador do clube em média de gols por partida, ficando atrás apenas de Friedenreich.

Tudo isso obviamente não é só uma questão de sorte ou oportunismo. Trata-se de um jogador completo, que treina duro para superar as dificuldades e melhorar as virtudes.

Ao contrário do que se pode imaginar, não faz o gênero bad boy nem dentro muito menos fora de campo. No quesito profissional, sua seriedade nos treinos lhe deu a condição de destaque que desfruta hoje. No aspecto família, depois da morte de seu avô, assumiu a função de chefe da casa. Independente de onde esteja, sempre cumpre suas obrigações da melhor maneira possível.

Há tempos torcedores, jornalistas, comentaristas e críticos vêm reconhecendo nele o grande atleta que é.

Por tudo o que foi escrito até aqui, Luís estava merecendo um lugar privilegiado também em nossas páginas. Por isso, está mais adiante no topo, em uma super-reportagem de capa com opiniões de profissionais dos principais veículos de comunicação de São Paulo, curiosidades, pôster e tudo o que você queria saber sobre ele, mas tinha vergonha de perguntar.

TRANSPARÊNCIA E RESPONSABILIDADE

A reportagem de capa da edição nº 115 da **Revista Oficial do São Paulo**, sobre o fortalecimento muscular de Kaká, suscitou discussões que abasteceram as pautas dos mais diversos veículos de comunicação de São Paulo por seguidas edições.

Jornais e emissoras de tevê e rádio repercutiram à exaustão o assunto. O foco, entretanto, nem sempre foi o mais coerente com o teor das informações transmitidas pelas fontes. Houve, em alguns casos, distorções com o claro intuito de gerar polêmicas a respeito da condição física do craque tricolor.

A medida que as matérias invadiam a mídia, os profissionais de medicina esportiva do clube esclareciam todos os pontos que eventualmente poderiam ter ficado obscuros. Mas tudo que foi dito e explicado por Turíbio Leite de Barros, fisiologista do clube, e Fábio Mahseredjian, preparador físico são-paulino, já havia sido explicitado por eles próprios, com total transparência, na **Revista Oficial**, fato que serviu para ilustrar o compromisso, a seriedade e a isenção que temos no trato com a notícia.

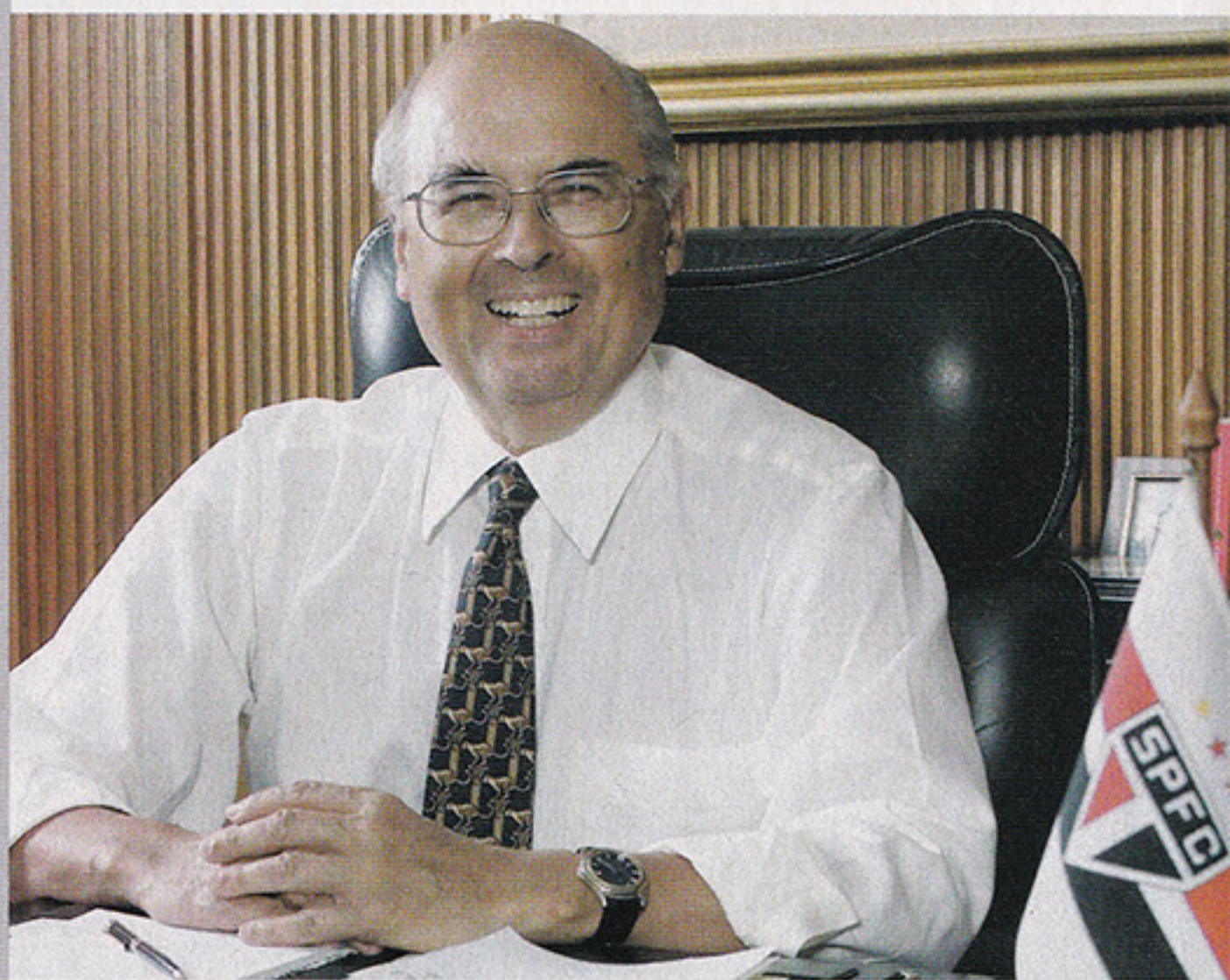
De qualquer maneira, o retorno de Kaká aos gramados, curado da lesão que o afastou dos campos por 41 dias, coloca um ponto final em qualquer resquício de mal-entendido que, por ventura, ainda insistisse em sobreviver.

Nesta edição, contamos em nossas páginas um pouco da gloriosa história do goleador Gino Orlando, que nos deixou no último dia 24 de abril. Trata-se de uma pequena mas merecida homenagem a esse que foi um magnífico homem e que assim será lembrado por todos.

Também fazedor de gols e dono de um estilo explosivo e temperamental, que às vezes até se assemelha a Serginho Chulapa, o atual camisa 9 tricolor, Luís Fabiano, tem tudo para quebrar vários recordes no Morumbi, como já está fazendo, e deixar seu nome ao lado de medalhões como Fried, Leônidas, Careca, Raí, França e mais uma porção deles.

Se ainda não o conhece bem, você tem agora a oportunidade de saber um pouco mais sobre a personalidade marcante e a vida desse fantástico matador. E, de quebra, ficar informado sobre os principais números que cercam sua carreira. Sua média de gols por partida nesta temporada é, de fato, algo impressionante e persuasivo. O homem tem cheiro de gol. Saiba por quê.

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente



Imagens

AS CARAVELAS AFUNDARAM NO MORUMBI

Ao lado, Rogério Ceni batendo falta contra o Vasco da Gama, no último dia 20 de abril, em partida pelo Brasileirão. À direita, o goleirão sendo festejado pelos companheiros. Seu chute foi desviado na barreira e a bola foi morrer no fundo das redes do arqueiro vascaíno. Foi o terceiro da vitória tricolor por 3 a 1 sobre a equipe cruzmaltina



FOTO RUBENS CHIRI





Soninha mantém a "forma emocional" com o budismo: "Com ele, hoje sou mais centrada. Mas ainda preciso melhorar. Ainda sou muito esquentadinha, nervosinha"

FOTOS RUBENS CHIRI

Futebol Zen

Por I.C. Martins

Quando dava seus primeiros chutes numa vilinha típica do bairro de Santana, no começo dos anos 70, Soninha não imaginava as voltas que sua vida daria. Até chegar ao que é hoje, apresentadora e comentarista de futebol de sucesso, mãe de três filhas e budista praticante, ela colecionou muitas histórias.

De recatada normalista de um tradicional colégio de freiras passou à condição de mãe ainda aos 16 anos. Atriz militante de teatro amador, acabou assistente de produção de curta-metragem e estudante de cinema.

De contra-regra do filme *Sua Excelência o Candidato*, desabou nos estúdios da MTV como auxiliar de produção, responsável pelos textos dos VJs. Depois de ganhar o direito de falar seus próprios textos diante das câmaras, viu-se como narradora improvisada do *Rock Gol*, da própria emissora de música.

Essa experiência lhe rendeu uma nova profissão, impensada por ela há alguns anos. Hoje, Soninha mete a colher com segurança e vontade quando o assunto é futebol. Com uma visão diferente da usual, alimenta a já polêmica arte de palpar sobre o esporte que é a paixão nacional.

Sonia Francine Gaspar Marmo, a Soninha, mete a colher com segurança e vontade quando o assunto é futebol. Sempre trazendo uma visão diferente da usual, ela alimenta a já polêmica arte de palpar sobre o esporte que é a paixão nacional

Aos 36 anos, vivendo seu segundo casamento, mãe de duas filhas adolescentes e uma ainda criança, não deve parar por aí. Mas seu futuro deverá, como sempre, ser decidido pelo acaso. Ou por sua competência de estar sempre no lugar certo e na hora certa. Como um bom centroavante. Na sequência, você confere um pouco mais das curiosidades que Soninha tem para contar.

Depois de uma boa noite de sono, qual é seu ritual para começar o dia?

A primeira coisa que faço é meu altar, as oferendas e uma

sessão de meditação. Antes de sair da cama, preciso me focar. Acordo pensando no trabalho. Mas paro e penso: 'Calma, vou trabalhar o dia inteiro'. É que acordo com vontade de ligar o computador e começar. Tenho noção de que preciso parar um tempo e curtir minha cama, minha filha.

Depois da pauleira do trabalho, o que você faz?

Quando chego em casa, me obrigo a 15 minutos de meditação. O desejo que eu tenho, na maioria das vezes, é de me jogar na cama. Outras vezes, sinto a tendência de me atirar ao trabalho até cair de cansada.

Mas tenho a tendência de ficar remoendo o que fiz e falei.

Você estudou em colégio de freiras e teve uma educação católica. Como chegou ao budismo?

Eu era católica convicta. Até freqüentava a igreja. Para mim, religião era viver de verdade segundo seus princípios. Mas, a uma certa altura, na adolescência, deparei-me com algumas perguntas sem respostas. Os dogmas da igreja. Aí não deu. Veio a questão: 'Se Deus é bom e todo poderoso, por que tanta gente está sofrendo desse jeito?' Entrei em conflito. Abandonei a religião formal. Mas, nos momentos difíceis, como por exemplo no caso de filha doente, eu tinha o impulso muito forte de pedir a alguém. Rezar para Maria. Essa era uma figura por quem eu não tinha perdido essa ligação superamorosa. O budismo veio por intermédio de alguns amigos da MTV. Observava a maneira como eles reagiam aos problemas. Os três eram budistas. Investiguei um tempo. Fui a algumas palestras e bateu. Eu dizia: 'Tem razão'. Hoje, medito em casa e vou semanalmente a um centro de meditação na Aclimação para a prática. Também faço retiros. Vou a Três Coroas, no Rio Grande do Sul. Cheguei a ficar lá 35 dias. É punk para caramba. Frio! Mas volto revigorada. É como o atleta fazendo exercício para o físico em busca da boa forma. Lá, entro em forma emocional. Com o budismo, hoje sou mais centrada. Mas ainda preciso melhorar. Ainda sou muito esquentadinha, nervosinha.

Como o esporte entrou na sua vida?

Sempre foi paixão. Passei um tempão de minha infância numa 'ruinha' sem saída. Uma vilinha, a Conselheiro Pedro Luiz, em Santana. As casas eram pequenas e a rua era o quintal de todo mundo. Passava o dia todo na rua. No final dela havia uma balão (*para retorno dos carros*). Ali a gente jogava bola o dia inteiro. Vôlei, queimada, essas coisas. Futebol nem tanto. Minha mãe falava: "Você não é moleque de rua".

Não seria natural você estudar Educação Física então?

Era o que eu pensava. Descobri isso. Depois pensei em fazer nutrição e outras coisas. Mas, quando terminei o colegial, estava grávida de sete meses. Então adiei. Casei depois que minha filha tinha nascido. Tinha 16 anos. Passados



“Em muitos programas esportivos a mulher tem a função que não é exatamente esportiva. É muitas vezes só ornamental”

uns dois anos, vi que não dava mais. Perdi o bonde. Mas descobri um outro lado de que eu gostava: o teatro. Fiz Cultura Inglesa. Lá havia muitas atividades. Fiz muita coisa em teatro lá. Depois acabei entrando num grupo de teatro amador. Fizemos, entre outras coisas, Gota D'Água. Participei de festivais. Cheguei a pensar que o grupo ia se profissionalizar. Virar uma cooperativa. Achei que dali iria sair minha profissão. Mas então nasceu minha segunda filha. De novo, não consegui conciliar. Dois filhos, trabalho e teatro. Eu dava aulas de inglês.

Sua carreira de atriz acabou nesse ponto?

Não. Acabei fazendo, como

atriz, um curta-metragem de um amigo dos tempos de moleque. Ele me convidou e eu adorei aquela estrutura toda da filmagem. Muito mais do que ser atriz. Decidi fazer faculdade de cinema. Seis anos após o colegial, aos 22, com duas filhas, fui fazer cinema na USP. Isso depois de eu já estar conformada com aquela história de escolaridade: segundo grau completo. Foram oito anos. Foi duro conciliar o trabalho com a faculdade.

Mas você ficou só na faculdade?

Cheguei a conseguir um trabalho remunerado em um filme. Fui contra-regra no *Sua Excelência o Candidato*. Adorei. Era a mais su-

balterna nas filmagens. Mas o que me cabia era tão importante. Muito legal. Não era uma coisa de só organizar. Exigia uma lógica. Um mau contra-regra atrapalha uma filmagem. Embora seja uma função subalterna, se eu fosse contra-regra profissional pelo resto da vida, não me incomodaria.

Como foi a sua passagem do cinema para a MTV?

Logo depois desse filme, um colega meu dos tempos do teatro estava trabalhando na MTV e precisava desesperadamente de uma assistente de produção. Teria que ser alguém que falasse inglês, gostasse de música e soubesse escrever bem. Eu fui. Ele implorou. Era mais um dinheirinho. Fui pensando em ficar até aparecer alguma coisa em cinema. Isso foi em 1990 e a MTV estava há um mês no ar. Eu trabalhava 13, 14 horas por dia. Escrevia texto para VJs como o Gastão, o Thunder Bird e a Maria Paula e alguma coisa para a Astrid.

O que você achou de ver suas palavras nas bocas dos outros?

Não achava nada demais. Eu estava fazendo algo que eu nunca havia imaginado fazer. Mas ficava sempre criticando o que havia feito. Um dia o Gastão entrou na sala e perguntou: "Quem escreveu isso?" Foi um sufoco. Mas ele disse em seguida: "Está bom para caramba". Aí foi bárbaro.

E esse negócio de ver palavras suas sendo interpretadas por outras pessoas?

Tinha coisa que escrevia com uma intenção e o cara lia com outra. Fazia ironia e crítica. Mas o VJ lia como se fosse um elogio. Escrevia, por exemplo, que um sujeito tinha comprado três aviões, numa crítica ao exagero e, na entonação dele, acabava virando um elogio: "Puxa, o cara comprou três aviões".

Numa coluna de jornal diário, em que as suas palavras são interpretadas por milhares de leitores, não acontece também esse tipo de coisa?

É chocante. A coluna é um monólogo. Além de a pessoa não saber às vezes o tom que você quis usar, ela não tem como rebater na hora.

Como você recebe as críticas às suas opiniões?

Gosto do debate. Gosto de responder às mensagens que rece-

“Não me importo tanto quando alguém discorda de mim. É normal. Mas dói quando não entendem o que digo. Ou quando alguém vem brigar com você por algo que não foi dito. Isso me deixa indignada e inconformada”



bo. Demoro, mas respondo. Não me importo tanto quando alguém discorda de mim. É normal. Mas dói quando não entendem o que digo. Ou quando alguém vem brigar com você por algo que não foi dito. Isso me deixa indignada e inconformada. Então tento me explicar. Mas o cara não entende. Estou precisando aprender a não insistir.

No caso da revista *Época*, na matéria sobre o uso da maconha em que os entrevistados relataram suas experiências e você defendeu a descriminalização da maconha, não houve também um grande mal-entendido?

Houve um grande mal-entendido. Favorecido pela escolha da revista *Época*. Era fácil, a partir da capa daquela edição, as pessoas entenderem errado. Até hoje tem gente que me rotula. Por parte da TV Cultura, não foi um mal-entendido. Eles não entenderam mal. Tomaram a decisão de se afastar de mim e da questão. Na verdade, entenderam o que eu quis dizer e onde foi que a *Época* errou. Mas pre-

feriram não se envolver, se livrar de mim. Se a Cultura estivesse de fato preocupada com o mal-entendido, esse seria o motivo para ela tentar desfazer a confusão. Deviam me obrigar a falar sobre esse assunto. Se houvesse a preocupação sobre o efeito que isso teria sobre os jovens, teria preferido que eu falasse: 'Olha, se algum jovem aí está pensando que estou fazendo propaganda da maconha, vamos deixar bem claro que não é nada disso'. Mas, em vez de esclarecer, ela preferiu reconhecer firma do mal-entendido. Algo como dizer: "Eles têm razão, essa pessoa não presta". As pessoas podem discordar da minha opinião sobre a descriminalização da maconha. Entendo que elas discordem. O que eu não queria era deixar a idéia errada de que eu faço propaganda, apologia do uso, de que não faz mal nenhum.

Como você lida com suas filhas sobre esse assunto?

Da mesma maneira como trato sobre todos os assuntos. À medida que eles aparecem. Elas vêm

perguntar de sexo, de violência, de televisão, de drogas. A gente sempre conversou, desde quando eram pequenas. Mas não tem essa coisa de "minha filha, sente aqui. Você já está grande, temos de conversar". Quando se tem esse tipo de postura, depois que o jovem já cansou de ver tanta coisa na rua, o mais certo é que chegou atrasado. Se sempre você lutou para dar noção de responsabilidade, isso vai valer na hora em que o filho vai dirigir um carro, diante da decisão de fumar ou não ou na hora da transa. Os princípios que você passa é que vão valer para qualquer momento ou assunto.

Na televisão, você milita em uma área bastante machista, que é o futebol. Como você foi recebida nesse meio?

Achei que ia ser pior, não por ser mulher, mas por ser nova ainda. Trata-se de um mundo conservador. Não é como no meio da cultura, em que a mudança está incorporada. Achei que ia pegar mais por causa da idade. Mas não foi tão forte como imaginava. Mas essa reação machista existe na hora em que alguém discorda. No momento da diferença, ela se manifesta. Dizem: "Só podia ser mulher para falar uma besteira dessas". Ainda que eu tenha falado uma besteira, o gênero feminino não tem nada a ver com isso. Não são meus ovários... Logo que comecei na ESPN escutei muito isso. Foram algumas porradas. Como, por exemplo, quando disse que o Botafogo do Rio, em má fase, já estava comemorando empate por 0 a 0 e derrota por 1 a 0. Que era o que estava ocorrendo. Recebi um monte de mensagens me mandando voltar para o fogão, lavar roupa e voltar para a MTV. Isso é normal. Além disso, em muitos programas esportivos a mulher tem a função que não é exatamente esportiva. É muitas vezes só ornamental.

Entre os colegas de imprensa rola esse clima?

Claro que rola. Incomoda quando falo algo diferente. No futebol, de repente, todo mundo adota o mesmo pensamento. É impressionante. Todos falam a mesma coisa. Vira um refrão. Por exemplo: o problema do Corinthians é o Scheidt. E o coitado do Scheidt não faz nada errado e o Corinthians perde. Então o Scheidt é pé-frio. Uma crítica sem objetividade. O cara não escreve que ele é pé-frio. Mas coloca lá que, com o Scheidt

em campo, o Corinthians perdeu mais uma. Isso é coisa de torcedor e não de jornalista. Quando você contraria o refrão, vendo outras coisas num jogo, existe a reação com escárnio, com sarcasmo. Isso me incomoda. Mas fazer o quê?

Como se deu a sua passagem da MTV para a ESPN e a carreira de comentarista de futebol?

Na MTV, tem a turma do futebol. Lá, muita gente ama futebol. Consome-se muito futebol ali. Havia o *Rock Gol*, um programa que reunia times de futebol formado por bandas. Um dia, deu um pepino. Faltava um narrador para o jogo e fui chamada para quebrar o galho. Fui, mas deixando bem claro que era uma grande brincadeira. Uma palhaçada. Isso foi em 98, ano da Copa. Depois disso, pintaram convites para participar de mesas-redondas. Então comecei a falar sobre futebol na televisão e no rádio, e a dar minha

em breve, tudo deverá mudar novamente por conta do estatuto do esporte que está tramitando no Congresso. O que você pensa disso?

Entendo que o PT e o deputado Gilmar Machado tenham essa proposta mais abrangente sobre o esporte. Seria bom tudo estar reunido num único código. Mas acho bobagem jogar fora o que foi feito até agora e começar tudo de novo. Talvez fosse bom manter o Código do Torcedor e a Lei de Responsabilidade para o futebol, criando um estatuto para os esportes em geral. Para mim, não há dúvidas de que são coisas diferentes de futebol. Não há como exigir de outros esportes o que se exige do futebol. Pois ele move milhões. É uma atividade comercial. Era o caso de fazer um estatuto à parte. Mas teria de começar tudo de novo e isso seria uma bobagem.

"No futebol, de repente, todo mundo adota o mesmo pensamento. É impressionante. Todos falam a mesma coisa. Vira um refrão"

opinião. O José Trajano, da ESPN Brasil, gostou. Passou a me chamar mais vezes. Um dia me efetivou. Eu não imaginava. Ainda assim continuei na MTV, de onde saí em 1999 para trabalhar na Cultura.

Quais são suas atividades hoje em TV e rádio?

Hoje, na ESPN Brasil faço o *Bate Bola*, programa diário às 19 horas. É um programa de debates com convidados e comentaristas da ESPN e com noticiário também. Sou entrevistadora no *Bola da Vez* e, nos finais de semana, faço o *Sport Center* sobre a rodada. Às vezes, faço videoreportagem, que curto fazer mas tenho preguiça de sair para rua. Quando saio gosto de fazer. Em rádio, faço comentários de jogo na CBN e na Globo.

A legislação que rege o futebol e o esporte está ganhando novas regras. Mas,

Você mudaria algo nessa nova legislação?

Talvez alguns detalhes no Código do Torcedor. Rever dentro de algum tempo. Estabelecer novos prazos para as coisas serem implantadas. Por exemplo, um ouvidor em cada estádio, definir as responsabilidades. Mas, agora, uma ambulância e uma equipe de socorro para cada 10 mil pessoas. Ou seja, cinco para um público de 50 mil pessoas. Não sei. Poderia estabelecer prazos mais realistas. Outros pontos, não. Deveriam ser cumpridos agora: em relação a vendas de ingressos, a história da arbitragem. E não mudaria nada na parte que responsabiliza o dirigente em caso de irregularidade comprovada, de improbidade. Se o cara não quer uma relação profissional, pois trabalha por amor, sem remuneração, está empenhando a própria palavra. Então tem de empenhar alguma coisa mais. Tem de pôr na reta. Ou então assumir uma rela-

ção profissional. E poder ser demitido em caso de não dar certo. Se for amador, tem de envolver alguma coisa pessoal. Seus bens, por exemplo.

Como você analisa o São Paulo de hoje?

O São Paulo vive as crises mais falsas que já vi. O São Paulo pensa que tem problemas. E é claro que tem. Mas faz tempestade em copo d'água. O Cruzeiro não tem problema hoje. O Santos não tinha no fim do Brasileiro do ano passado. Todos em algum momento enfrentam dificuldades. Mas o problema é insistir sempre pelo mesmo caminho. O ataque do São Paulo é brilhante. Já a defesa, não. Mas a reação que vem do São Paulo leva a pensar que o time está ameaçado de rebaixamento. Foi assim nos tempos do Nelsinho e tem acontecido nos últimos anos. É típico do São Paulo.

Existe um padrão no futebol brasileiro?

Quem disse que tem que ter um padrão. O nosso padrão qual é? Isso é uma bobagem. É preciso jogar bem, de um jeito ou de outro. Nosso padrão então é ser melhor no ataque do que na defesa? Pelo menos é com isso que me identifico no futebol brasileiro. Tinha o Juventude, com campanha espetacular, mas não é símbolo do futebol brasileiro. Boa defesa e bom contra-ataque não são nossas características.

Nas suas intervenções, seus comentários ou suas colunas você já cometeu alguma injustiça?

Tomara que não. Me preocupo com a crítica impiedosa. Crucificar ou demonizar alguém. Mas acho que eu também acabo, em algumas vezes, entrando em situações desse tipo. É preciso prestar muita atenção. É capaz que eu releia alguma coisa minha e diga: 'Nossa, que jeito de falar! Talvez enganos sejam mais prováveis. Mas procuro tomar cuidado. Quando um jogador critica a imprensa, por exemplo, a gente fica indignado. O que ele pensa? A culpa agora é da imprensa? Mas nossa vida é criticar o trabalho deles, as pessoas. É preciso ter muita delicadeza. É uma pessoa. Falar que fulano é ridículo, um desastre, uma lástima... Se o cara não vai bem, você não vai passar a mão na cabeça dele. Então vamos dizer: 'Nesse jogo o fulano foi péssimo'. É complicado.

Mineiro bom de bola

Getúlio chegou ao São Paulo em setembro de 1977 para cravar seu nome na galeria dos grandes laterais-direitos que passaram pelo clube

**Por Fernando Savaglia
Colaborou José Acras**

Nascido em Belo Horizonte, Getúlio Costa de Oliveira começou a chamar a atenção no futebol aos 13 anos. Nessa época, ele fazia parte de uma equipe de garotos da Gameleira. Curiosamente, atuava como centroavante.

O time de meninos daquele tradicional bairro da capital mineira certa vez foi convidado para um amistoso contra o Atlético-MG. E terminou vencendo a partida com dois gols daquele jovem atacante.

Dois dias depois, Getúlio já treinava com a garotada do Galo. Entre eles, havia mais dois grandes craques que viriam a entrar para a história do futebol brasileiro: Toninho Cerezo, que também defendeu as cores do Tricolor paulista; e Paulo Isidoro. Em 1970 o Atlético, além de sagrar-se campeão mineiro da categoria infantil, teve em Getúlio o artilheiro daquele disputado certame.

Durante a Taça São Paulo de Futebol Juniores de 1972, Barbatana, o então técnico do Galo, sugeriu que Getúlio tentasse jogar na lateral-direita, pois o titular havia se contundido e a opção seria um novo e talentoso comandante de ataque chamado Reinaldo. "Treinei de lateral e, no jogo seguinte, que foi contra a

Getúlio serviu a seleção brasileira pela primeira vez aos 22 anos de idade



GETÚLIO COSTA DE OLIVEIRA

Nascimento: 26/02/54

Local: Belo Horizonte

Jogos disputados pelo São Paulo: 323

Data de entrada no clube: 01/09/77

Data de saída: 31/01/84

GOLS PELO SÃO PAULO: 24

Títulos pelo São Paulo: campeão brasileiro de 77 e bicampeão paulista 80/81

Ponte Preta, acabei ganhando o prêmio de melhor em campo nessa posição", relembra Getúlio.

As boas atuações começaram a se suceder a partir daí. E, apesar de não jogar mais tão perto da área adversária, ele continuava a marcar inúmeros gols graças às suas cobranças de faltas matadoras. "Sempre que os treinos terminavam, eu ficava treinando durante uma ou duas horas todos os dias".

No ano de 74, o lateral foi chamado para jogar na equipe principal do Atlético-MG por Telê Santana, que promovia uma grande renovação no plantel do mais popular dos clubes daquele Estado.

Embora a opção de Telê fosse apostar em novos talentos, alguns diretores se opunham a ele, que escalou de uma só vez seis juvenis na equipe profissional. Além de Getúlio, entraram Toninho Cerezo, Silvestre, Marcelo, Campos e Reinaldo.

O primeiro título profissional com o Atlético veio em 1976. O time foi o campeão mineiro e Getúlio, agraciado com sua primeira convocação para defender a seleção brasileira – na época dirigida por Oswaldo Brandão –, que iria disputar o Torneio do Bicentenário da Independência Americana nos Estados Unidos. "Quando me apresentei na concentração, mal podia acreditar. Lá estava eu com apenas 22 anos treinando ao lado de Luiz Pereira, Falcão, Zico, Rivelino, Roberto Dinamite e Marinho Chagas, entre outras feras".

Getúlio entrou no último jogo contra a Itália e teve uma boa atuação na grande vitória brasi-

leira por 4 a 1. Em 1977, chegou ao São Paulo para disputar o Campeonato Brasileiro. E nem podia imaginar que o destino lhe reservaria uma grande ironia na partida final daquela competição.

UM LANCE INESQUECÍVEL

Com uma excelente campanha, o Tricolor fez 20 jogos. No total 13 vitórias, três empates e apenas quatro derrotas. Uma das partidas mais comemoradas teve justamente Getúlio como principal protagonista.

Em um duelo difícil, que

que a bola tinha entrado".

Para que se tenha uma idéia da potência do chute dele, basta dizer que o goleiro Corbo chegou a tocar na bola. Com isso, parte do impacto foi absorvida. No entanto, mesmo assim, ela estufou a rede gremista.

Depois de bater o Operário de Campo Grande nas semifinais, coube ao Tricolor ir a Belo Horizonte para brigar com o Clube Atlético Mineiro por um título até então inédito para o São Paulo. "Enfrentar o clube que me revelou para o futebol

"É uma das poucas mágoas que tenho. Afinal, estava atravessando o melhor momento da minha carreira"

Sobre não ter disputado a Copa da Espanha, em 1982

valia a classificação para as semifinais do Brasileirão de 77, o São Paulo enfrentou o Grêmio no dia 19 de fevereiro de 1978, no Morumbi. Apesar da pressão paulista, o gol insistia em não sair. Até que, no final do primeiro tempo, aconteceu uma falta na intermediária gaúcha. "O Chicão veio para tocar a bola de lado a fim de sair jogando. E eu pedi para bater direto. Ele disse que eu estava doido por causa da distância do local da falta em relação ao gol adversário. Mas insisti e bati. Já estava voltando para a minha posição quando vi a torcida vibrando. Aí é que me dei conta de

na primeira final que eu fazia pelo São Paulo já era estranho. Mas, ficar concentrado na Toca da Raposa (*concentração do Cruzeiro, maior adversário do Atlético em Minas*), era muito mais estranho (*risos*)".

A história da final já é conhecida por todos. No tempo normal, um magro 0 a 0. Na prorrogação, placar inalterado. Na hora dos pênaltis, sobrou para Getúlio cobrar o primeiro. "Me puseram para ser o primeiro. Logo eu que treinava com o João Leite (*goleiro do Atlético-MG*) havia três anos. Ele sabia que eu só dava pancada. Por isso,

resolvi bater colocado no canto. Não é que o cara foi lá e pegou. Apesar de tudo, comemorei muito aquele título".

No mesmo ano, disputando a semifinal do Campeonato Paulista, ele foi o responsável pelo cruzamento que resultou no gol de Serginho Chulapa contra o Palmeiras. As redes balançaram aos 13 minutos do segundo tempo da prorrogação. "Outro dia, revi esse lance na televisão. É um daqueles momentos que vou guardar para sempre. Foi muito emocionante".

Bicampeão paulista em 80 e 81 com o São Paulo, Getúlio participou das eliminatórias para a Copa da Espanha em 1982. Acabou, porém, não sendo relacionado para disputar o torneio mundial. "É uma das poucas mágoas que tenho. Afinal, estava atravessando o melhor momento da minha carreira".

Em 1984, seu passe foi vendido ao Fluminense, clube com o qual se sagrou campeão brasileiro e carioca. Depois de dois anos ele foi jogar nos Estados Unidos, onde acabou encerrando a carreira atuando por diversas equipes que hoje não existem mais.

De volta ao Brasil em 1990, Getúlio voltou a trabalhar no Atlético-MG com as categorias de base. Hoje, ele é treinador das equipes infantis do clube. E, apesar de sua forte ligação com a agremiação mineira, não esconde a importância do Tricolor em sua vida. "O São Paulo foi e é um clube maravilhoso. Foram sete anos inesquecíveis".



De volta ao Brasil em 1990, o ex-jogador retornou ao Atlético-MG para treinar as equipes de base

FOTOS REPRODUÇÃO

O eterno artilheiro

Grandioso como artilheiro e respeitado como administrador do Morumbi, Gino Orlando foi uma daquelas pessoas especiais cuja história se liga intimamente ao São Paulo. Sua vida - repleta de glórias, realizações, passagens divertidas e, principalmente, muitos gols com a camisa do clube que ele tanto amou – deve sempre ser celebrada por são-paulinos e apreciadores do bom futebol

Por Fernando Savaglia/Colaborou José Acras



Marca registrada: Gino fazendo um de seus inúmeros gols de cabeça pelo do São Paulo



Gino Orlando, um dos maiores artilheiros brasileiros de todos os tempos, nasceu em 3 de setembro de 1929 na cidade de São Paulo. Centroavante brigador e valente, perdeu o pai cedo e teve de interromper os estudos para trabalhar e poder ajudar a família.

Sua grande paixão era o futebol e esse sentimento mais sua força de vontade o levaram a atuar nos juvenis do Palmeiras, clube em que, graças ao seu desempenho, foi ascendendo de categorias até chegar à principal.

Quando estava se firmando entre os profissionais, a diretoria o emprestou ao Comercial, equipe que acabou comprando seu passe.

Só em março de 1953, o atleta transferiu-se para o São Paulo. "Conheci o Gino ainda mocinho, quando ele morava na Turiaçu (tradicional rua do bairro das Perdizes). Acompanhei

sua trajetória nas equipes de base e, até hoje, não entendi por que a diretoria palmeirense o vendeu para o Comercial, pois ele estava mostrando um bom futebol", relembra Oberdã Catani, ex-goleiro do Palmeiras e seu companheiro de clube em início de carreira.

"Acho que eles pensavam que santo de casa não fazia milagre. Seja como for, ele foi para o São Paulo, time em que se projetou e acabou indo para a seleção", complementa o arqueiro.

Gino seria no Tricolor o titular absoluto da camisa 9 por dez longos anos. No SPFC, conquistou o posto de maior artilheiro do clube com 232 gols, condição que manteve até a década de 80, quando Serginho Chulapa o superou marcando 242 gols.

BOM HUMOR

Com seu impagável bom hu-

GINO ORLANDO

Nascimento: 03/09/29, em São Paulo

Apelidos: Tanque e Prefeito

Jogos disputados pelo SPFC: 450

Data de entrada no clube: 01/03/53

Data de saída: 06/04/63

Gols marcados pelo SPFC: 232

Títulos conquistados: Campeonato Paulista 53/57 (SPFC) e Campeonato Brasileiro 57 (Seleção Paulista)

Outros clubes pelos quais atuou: Palmeiras, XV de Jaú e Comercial-SP, Portuguesa, Juventus e Nacional



Com a camisa da seleção brasileira em amistoso contra Portugal

HISTÓRIAS

Grande contador de histórias e piadas, Gino Orlando foi talvez o maior colecionador de casos engraçados relacionados ao futebol. O fato descrito abaixo é uma dessas passagens que o centroavante gostava de contar com seu característico bom humor.

O São Paulo enfrentava, em jogo amistoso, a tradicional equipe portuguesa do Benfica em Lisboa, no início de 58. Em determinado momento da partida, o ponta-direita Maurinho disparou com velocidade para a linha de fundo. O goleiro Costa Pereira, pressentindo a aproximação do centroavante do São Paulo pelo meio, começou a se preparar para interceptar o provável cruzamento e foi se posicionando cada vez mais no centro da área. De repente, como um raio, Maurinho mudou sua trajetória em sentido diagonal. E, percebendo o gol totalmente desguarnecido, empurrou a bola para dentro. O goleiro, indignado com a mudança de planos do ponteiro tricolor, teria, segundo Gino, abordado o árbitro em altos brados: "Não vale, não vale. Ele ia centraire, ele ia centraire!".



REPRODUÇÃO

PELA SELEÇÃO BRASILEIRA
8 jogos, 4 vitórias, 2 empates,
2 derrotas e 3 gols marcados

RELAÇÃO DOS JOGOS OFICIAIS QUE DISPUTOU PELA SELEÇÃO

08/04/1956

Portugal 0 x 1 Brasil

11/04/1956

Suíça 1 x 1 Brasil

15/04/1956

Áustria 2 x 3 Brasil

21/04/1956

Checoslováquia 0 x 0 Brasil

25/04/1956

Itália 3 x 0 Brasil

09/05/1956

Inglaterra 4 x 2 Brasil

08/08/1956

Brasil 4 x 1 Checoslováquia

18/05/1958

Brasil 3 x 1 Bulgária

mor, fez muitos amigos por onde passou, como comprova José Teixeira, ex-supervisor de futebol do São Paulo. "Ele foi uma das pessoas mais divertidas que conheci. Me lembro que, nos anos 50, a diretoria alugava um projetor e um filme para passar à noite nas concentrações. Gino sempre se encarregava de escolher alguma coisa de terror para poder ficar assustando todo mundo com suas brincadeiras".

Aliás, de acordo com o meia-direita Abib, que jogou com Gino no Juventus, tais brincadeiras são inesquecíveis. "Certa vez, estávamos concentrados em um hotel no centro da cidade. E ele inventou que o prédio era mal-assombrado apenas para assustar o Rafael Chiarella (*meia-esquerda do time*), muito impressionado com histórias de fantasmas. Não é que, de madrugada, invadiu o quarto do Rafael com um lençol branco sobre o corpo? Não precisa nem dizer a revolução que ele armou naquela noite", diverte-se o ex-meia-campista juventino ao relembrar o ocorrido. "Além disso, era um grande contador de histórias. Certo dia, fomos jogar no sul e me lembro que, na volta, ele sentou-se ao meu lado no ônibus. Foram 16 horas de viagem, que praticamen-



Os dois maiores artilheiros da história do clube: Gino e Serginho marcaram, juntos, 474 gols pelo Tricolor

RUBENS CHIRI

te não senti graças aos divertidos casos que Gino contava", complementa Abib.

Atuando pelo São Paulo, Gino conquistou dois títulos paulistas, o de 53 e o de 57. Este último é lembrado principalmente pela maravilhosa equipe formada por Poy, De Sordi e Mauro Ramos; Dino Sani, Vitor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro. Não são poucos que apontam esse como o melhor esquadrão que o São Paulo já teve.

Grande cabeceador, o centroavante, sempre que precisou, colocou, como diz a velha expressão futebolística, o coração na ponta da chuteira para defender o São Paulo. "Sua raça era impressionante. Para ele, não havia bola perdida", emociona-se Alfredo Ramos, ex-lateral-esquerdo do São Paulo, ao falar sobre o velho companheiro. "Ele foi amigo de muitos amigos, um homem extra-

ordinário que tinha um amor tremendo pela camisa que vestia", complementa o jogador que foi campeão paulista em 53 ao lado de Gino.

VESTINDO A VERDE AMARELA

Por oito vezes, Gino foi convocado para jogar na seleção. Em uma partida, mais especificamente num amistoso contra o selecionado português em Lisboa, no dia 8 de abril de 56, fez um belíssimo gol de bicicleta que acabou marcando sua carreira.

Sempre brincalhão, costumava afirmar que apenas ele seria capaz de alcançar aquela bola por causa do tamanho de seu pé, número 44.

Somente há alguns anos, o ex-atleta são-paulino acabou por admitir que ficou magoado com o corte ocorrido em 58 para a Copa do Mundo da Suécia. "Foi uma pancada que recebi. Mas não

O adeus ao goleador

Gino Orlando faleceu no último dia 24 de abril, em São Paulo, de parada cardíaca. Ele estava internado desde fevereiro no Hospital do Coração. O ex-atleta havia sido submetido a uma cirurgia para correção de um aneurisma no tórax. Gino foi enterrado no final da tarde do mesmo dia em que morreu, no cemitério do Araçá, na zona oeste da capital paulista. O ex-centroavante tricolor deixou esposa, Enida de Freitas Orlando, dois filhos, Gino Orlando Júnior e Mauro Orlando, e dois netos.

podemos culpar os homens que me cortaram, absolutamente. O Brasil foi muito bem-servido. Foram Mazzola e Vavá, pois faziam muitos gols. Fui esperá-los na volta, no aeroporto de Congonhas. Eles me viram lá, naquela multidão, me puxaram para cima do carro de bombeiros e terminei vindo com eles. É lógico que gostaria de ter estado lá. Mas são coisas da vida", desabafou Gino em entrevista recente.

No dia 2 de Outubro de 1960, o São Paulo inaugurou seu estádio. A festa foi marcada por um amistoso com o Sporting de Lisboa. Apesar de o gol da vitória tricolor ter sido marcado pelo meia Peixinho, coube a Gino inaugurar a trave do Morumbi ao acertá-la com uma pancada aos 43 minutos do segundo tempo.

Após a partida, o centroavante declarou: "Esta inau-

guração foi uma das melhores experiências da minha vida como jogador".

Quando deixou o São Paulo, Gino foi para a Portuguesa de Desportos. Lá permaneceu pouco. Depois transferiu-se para o Juventus, time em que ficou por um ano. Na sequência, encerrou a carreira no Nacional aqui de São Paulo.

GRANDE ESTÁDIO: GRANDE ADMINISTRADOR

Em 1969, foi convidado pelo São Paulo, dada sua identificação com o clube, para ser o administrador do estádio Cícero Pompeu de Toledo, cargo que ocupou até falecer.

"Não me lembro ao certo se foi meu pai (*Hanri Aida*) ou Laudo Natel que o apelidou de prefeito por conta da responsabilidade que seu cargo exigia. Seja como for, a história de Gino

"A história de Gino Orlando e a do São Paulo se confundem. Ele tinha um grande carinho pelas pessoas e pelas coisas do clube"

CARLOS MIGUEL AIDAR,
ex-presidente do SPFC

Orlando e a do São Paulo se confundem. Ele tinha um grande carinho pelas pessoas e pelas coisas do clube", explica Carlos Miguel Aida, ex-presidente do Tricolor

Sobre o Morumbi, que administrou por 34 anos, o ex-centroavante dizia que, por mais que se falasse do romantismo do Pacaembu, era impossível ter a vibração de um estádio lotado lá como se tinha no do Tricolor.

O filho do centroavante Gino Orlando Júnior afirma que seu pai cuidava do estádio com o mesmo amor que dedicava ao São Paulo quando era atleta. "Administrar o maior estádio particular não era tarefa fácil. E ele adorava. Em dias de jogos, por exemplo, ele saía de casa às 8h da manhã e voltava para casa às 3h da madrugada. Não importava se era feri-

ado, sábado ou domingo. Lá estava ele vestindo a camisa do São Paulo do mesmo jeito que fazia quando era jogador do clube".

Dada a sua grande experiência no mundo do futebol, Gino Orlando estava sempre pronto a ajudar o São Paulo e os jogadores que por lá passaram. "Era um cara fantástico e sempre foi um grande amigo. Ele me apoiou muito no começo, quando tive alguns problemas de adaptação. Tinha uma grande experiência como ex-jogador", revela Pedro Rocha, um dos maiores meia-armadores da história do São Paulo.

Já para o ex-ponta-esquerda Paraná, Gino tinha um grande coração. "Quem o conheceu com todo aquele tamanho (*mais de 1,80 m*) não podia imaginar que era uma fortaleza e uma pessoa boníssima", emociona-se.

Mas Gino não era admirado apenas pelos atletas ligados ao São Paulo. "Joguei contra ele enquanto atuava no Santos. Além de grande jogador, foi uma pessoa maravilhosa e fez um grande trabalho no São Paulo. Dentro e fora do clube, todos gostavam dele", diz o ex-ponta-direita Dorval.

Segundo o ex-diretor de futebol do São Paulo Carlos Augusto de Barros e Silva Gino é uma bandeira para o clube. "Não só pelo jogador maravilhoso que foi, mas também pelo homem que, não nascendo são-paulino, tornou-se tanto ou mais que qualquer outro. Foi toda uma vida dedicada ao São Paulo. Vai ficar uma saudade muito bonita desse homem que, enquanto esteve ao nosso lado, só fez honrar sua condição de atleta e de profissional do clube em todas as áreas em que atuou".

"Ele foi amigo de muitos amigos, um homem extraordinário que tinha um amor tremendo pela camisa que vestia"

ALFREDO RAMOS,
ex-lateral esquerdo do SPFC



RUBENS CHIRI

Curinga tricolor:
Gustavo Nery já atuou
nos mais diversos
setores do time



Clubes pelos quais atuou

1994/96/98 - Santos

1995 - Ceará

1997 - Coritiba

1999 - Guarani

2000 - SÃO PAULO

FOTOS RUBENS CHIRI

lo e atitude

Nas horas de folga, Gustavo Nery gosta de reunir os amigos, a esposa e o cunhado para andar de jet ski

Por Carlos Mesquita

Natural de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, Gustavo Nery veio morar em São Bernardo do Campo, região do ABC, quando tinha apenas 12 anos de idade.

Lá, começou a disputar as famosas peladas de várzea. Nessa época, jogava como meia-esquerda. "O treinador do time olhou por mim e terminou me levando para fazer um teste no Santos no final de 1993", explica.

Na peneira, percebeu que havia muitos garotos disputando uma vaga naquele setor. Como brigar por um lugar na posição seria mais complicado, resolveu optar pela lateral-esquerda.

Durante o período de avaliação, Gustavo fazia de tudo. Batia escanteio e falta. Jogava em todos os lugares do campo. Afinal, queria mostrar serviço porque seu maior desejo era ser aprovado.

Sua determinação terminou convencendo e, em 1994, recebeu a notícia de que iria disputar um campeonato com o

time pelo interior de São Paulo. No ano seguinte, já estava no profissional.

Até ser comprado pelo Tricolor em 2000, passou pelas equipes do Ceará, do Coritiba e do Guarani. "Em 1999, fui emprestado ao Guarani. Fiquei cinco meses lá e, depois, vim direto para o São Paulo".

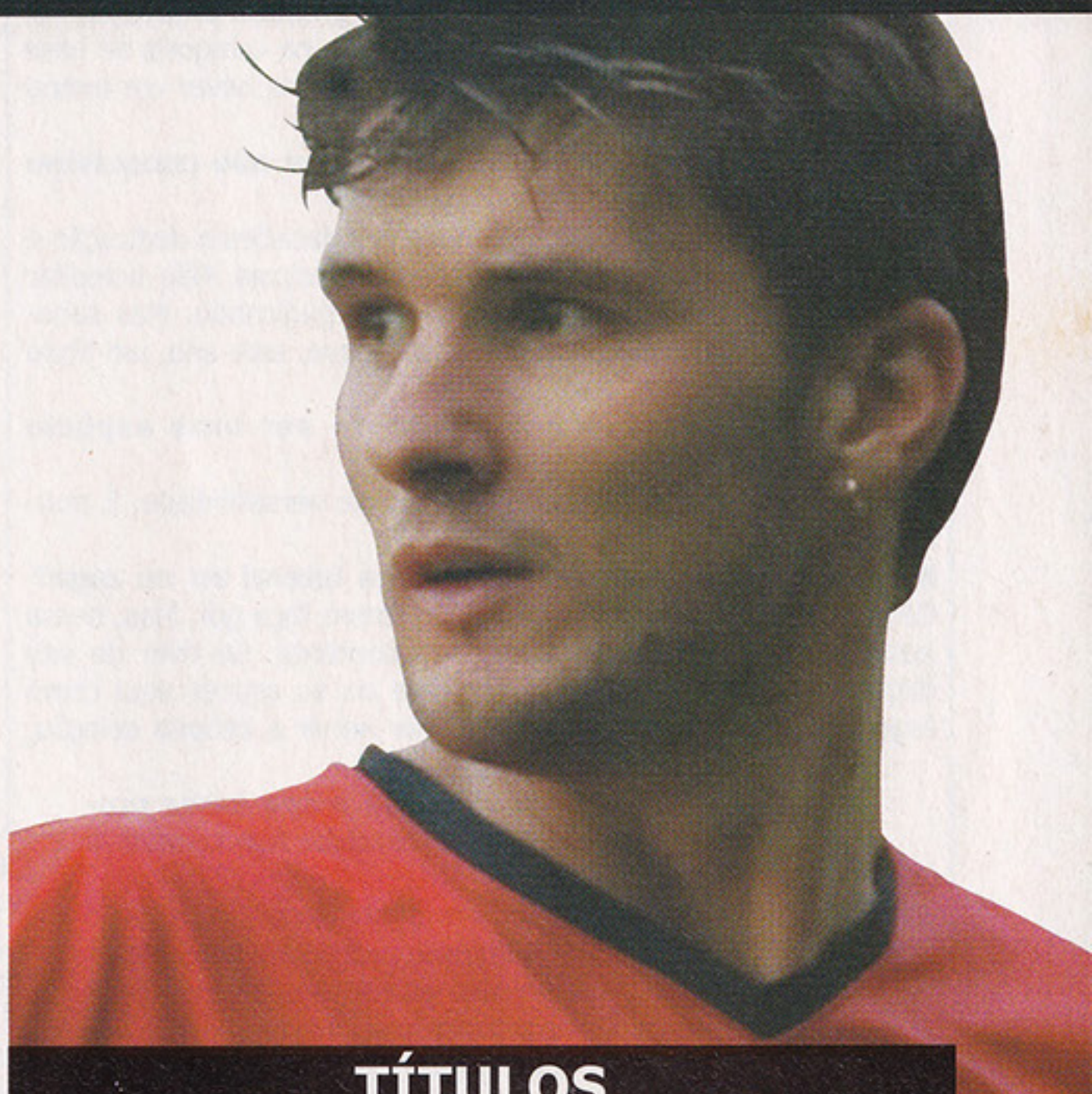
TEMPORADA 2003

No Campeonato Paulista de 2003, Gustavo Nery fez bem seu papel. Além das boas assistências, balançou as redes seguidas vezes e se transformou num dos principais atletas do elenco.

Já no Campeonato Brasileiro, foi deslocado para a defesa em virtude do desempenho positivo na competição anterior. E, até o momento, vem repetindo as atuações que teve no princípio da temporada.

Com ele na zaga, a saída de bola passou a ter mais qualidade. Hoje a ligação do setor com os homens de armação ocorre de forma mais precisa.

Gustavo tem a liberdade de atuar mais solto e partir para o cam-



TÍTULOS

1994	Campeão paulista juvenil
1995	Vice-campeão brasileiro profissional
1997	Vice-campeão da Taça São Paulo de Juniores
1997	Campeão do Torneio Rio-São Paulo
1997	Vice-campeão paranaense
1998	Convocação para a seleção sub-20
1999	Vice-campeão do Torneio Rio-são Paulo
2001	Convocação para a seleção brasileira
	Copa da confederação
2001	Vice-campeão da Copa dos Campeões
2002	Campeão do Super-campeonato Paulista

"Acho que deixamos escapar um pouco nas decisões a dedicação e a determinação. Esses foram os fatores principais. Mas sabemos que a nossa equipe tem qualidade e que, este ano, um título não escapa da gente, não"

BATE-BOLA

Você se sente à vontade para atuar na zaga? Afinal, está jogando no setor mais criticado da equipe.

A gente fica um pouco chateado com esses comentários. Mas, mostrando um bom futebol, o apoio parte daqui de dentro do clube, da comissão e do treinador. Isso é o principal para mim. Estou sempre de cabeça erguida. Desde que estou jogando na zaga, procurei mostrar meu trabalho.

No seu melhor momento na lateral-esquerda, houve esse deslocamento para outra posição. Isso não o deixou desmotivado por conta de uma possível queda de rendimento?

Fiquei, sim, preocupado em relação a render o mesmo que estava rendendo na lateral. Mas eu não tinha grandes preocupações porque já havia atuado nessa posição aqui e na categoria de base do Santos em duas Taças São Paulo. Só deveria haver um tempo para a adaptação, que foi rápida.

O São Paulo chegou a várias finais, mas não conquistou nenhum título. O que faltou ao time?

Acho que deixamos escapar um pouco nas decisões a dedicação e a determinação. Esses foram os fatores principais. Não acreditar que poderíamos ser campeões acabou prejudicando. Mas sabemos que a nossa equipe tem qualidade e que, este ano, um título não escapa da gente, não.

O que você pensa sobre o fato de ser uma espécie de curinga?

É positivo porque mostra que tenho essa versatilidade. É muito bom.

Na sua opinião, você rende mais na lateral ou na zaga?

Como lateral chego à frente, bato e sempre faço gol. Mas, nessa posição em que estou, também fico contente. Se tiver de sair daqui a fim de ir para um outro time ou se estiver aqui como zagueiro, tiver me adaptando e puder servir a própria seleção, fico satisfeito.

O que você pensa sobre esses protestos que a torcida fez contra o time?

O torcedor tem o direito de ir ao estádio e querer que seu time jogue bem. Mas ir lá só para criticar atrapalha um pouco. Essa fase, porém, está passando. Eles já estão pegando menos no pé. E isso vai mudar por conta dos títulos. Estamos bem na Copa do Brasil e, se formos campeões, muda tudo.

Alguma coisa o impressionou quando você chegou a São Paulo?

Só o trânsito me deixava impressionado porque existia a preocupação de vir treinar. Mas a gente fica um pouco assustado com os assaltos e os seqüestros. E o pessoal acha que você está cheio de dinheiro porque é jogador de futebol. Então temos de tomar alguns cuidados para andar aqui em São Paulo.



po do adversário a fim de ajudar seus companheiros de ataque.

Sempre atuando sério e mostrando versatilidade, tornou-se uma espécie de curinga que joga nas mais diversas posições. E sem o menor problema. "É positivo porque, quando o treinador precisa, você passa essa confiança a ele", afirma.

Nos momentos difíceis, ergueu a cabeça e continuou lutando por seu espaço. O atleta teve até mesmo de superar problemas particulares. "Por causa deles, caí de rendimento. Mas sempre busquei meu objetivo, que era jogar", diz.

Mesmo disputando vaga com jogadores da estirpe de Jorginho Paulista, Fabiano e Lino, conseguiu firmar-se na equipe titular. "Sempre quando vieram outros grandes jogadores, procurei não baixar a cabeça", completa.

NAS HORAS DE FOLGA...

Nos momentos de lazer, Gustavo curte várias atividades. No aconchego de sua casa, adora ficar na piscina. Mas também gosta de andar de jet ski. Sempre que pode reúne os amigos, a esposa e o cunhado para fazer passeios.

Além disso, pratica outros esportes. O atleta se diverte jogando basquete, vôlei, handball, vôlei de praia e futevôlei. "O único com que nunca vou me adaptar é o futebol americano", brinca.

Na hora de comer, Gustavo não faz cerimônias. Seu prato favorito é aquele bem cheio de talharim com molho branco. O lateral, entretanto, não esconde a preferência por uma boa picanha. "Não dá para dispensar nem a pau", afirma.

Em São Bernardo de Campo, costuma frequentar os bons restaurantes. Sempre um dia após os jogos, vai com a esposa comer fora.

"Em 1999, fui emprestado ao Guarani. Fiquei cinco meses lá e, depois, vim direto para o São Paulo"

CURIOSIDADES

CASAMENTO

Depois de quase seis anos de namoro, Gustavo Nery casou-se no final de 2001 com Fernanda. "Pensei muito nela no final do ano passado quando voltei a jogar bem e a fazer gol. Nunca posso me esquecer que ela sempre esteve ao meu lado nos momentos difíceis". Em agosto de 2002 nasceu o primeiro filho do casal, um garotão chamado Luís Gustavo.

ÍDOLOS

Gustavo tem vários ídolos no futebol. E sempre viu muitos bons jogadores em ação. Mas um, em especial, chamou sua atenção. "Gostei muito do Leonardo. Foi um excelente atleta. Quando tive a oportunidade de trabalhar com ele no São Paulo, percebi que era um jogador que conversava e transmitia a experiência que tinha vivido. Mas, bem antes, já gostava de seu futebol no Flamengo. O Leonardo tem a cabeça no lugar".

FAMÍLIA

A relação com seus familiares é muito forte. Enquanto permaneceu em Nova Friburgo, morou com os avós. Quando veio para São Bernardo do Campo, passou a viver com os pais. Jogando no litoral e em Campinas, não sentiu falta de sua família por conta da proximidade dessas localidades com a cidade do ABC. "Meus familiares sempre estiveram por perto. E nunca me estranhei com ninguém da minha família. Tenho um irmão e uma irmã que são mais novos do que eu. Ela já tem um filhinho de três anos".

TATUAGENS

Se você nunca reparou, observe bem. O lateral carrega consigo duas tatuagens, uma em cada braço. Mas em lugares discretos e tamanhos diferentes. E avisa que deve fazer uma terceira. "Tenho uma há um ano e a outra, há dois. Estou pensando em fazer mais uma, só que dói muito. Mas, com certeza, farei".

CHUTANDO DE PRIMEIRA

Música: Snoopy Doggy Dog, Eminem...

SPFC: UM MOMENTO DA MINHA

VIDA QUE É TUDO

Bebida: Refrigerante

SONHO: TRABALHAR DE NOVO

NA SELEÇÃO BRASILEIRA

Dinheiro: Sem ele não dá

para fazer muita coisa

Lugar mais bonito que

conheceu: Austrália

JOGAR NA EUROPA: É O SONHO

DE TODO JOGADOR E ESSE DIA

VAI CHEGAR E EU ESTOU

PREPARADO PARA ISSO

Medo: De acontecer alguma

coisa com a minha família

Tristeza: Quando acontece

alguma coisa com seus familiares

FELICIDADE: MEU FILHO, QUE

NASCEU DIA 10 DE AGOSTO

DO ANO PASSADO

GUSTAVO NERY de Sá da Silva

Nascimento: 22/07/77

Local: Nova Friburgo (RJ)

Signo: Leão

Altura: 1,82 m

Peso: 75 quilos



Temporada 2003: no Paulistão, jogando como lateral, o atleta desequilibrou em favor do São Paulo, marcando vários gols

NA CONCENTRAÇÃO

Quando está na concentração, o lateral prefere descansar. De vez em quando, porém, disputa uma partidinha de cartas. "Durmo bastante e, quando estamos na concentração após um jogo, assisto às partidas. Às vezes, até jogamos um baralhinho para descontrair um pouco".

Cheiro de gol



Luís Fabiano: às vezes polêmico, mas sempre artilheiro

ATRAVESSANDO O MELHOR MOMENTO DE SUA CARREIRA, LUÍS FABIANO ENTROU PARA A HISTÓRIA DO TRICOLOR DO MORUMBI. NESTE INÍCIO DE TEMPORADA, JÁ MARCOU TANTOS GOLS QUE SUA MÉDIA POR PARTIDA FICA ATRÁS APENAS DA ALCANÇADA POR ARTUR FRIEDENREICH, O PRIMEIRO COLOCADO DE TODOS OS TEMPOS

Por Carlos Mesquita
Colaborou Ana C. Coutinho
Fotos Rubens Chiri

LUÍS FABIANO

tem mostrado dentro de campo um conjunto harmonioso de qualidades. É um atleta técnico, habilidoso, explosivo, alto, forte e com boa presença de área. Aproveitando bem todas essas propriedades - extremamente raras num jogador de sua posição -, o matador tem sido o caminho mais curto entre o Tricolor e o gol.

Numa fase que reflete os frutos de um trabalho desenvolvido com seriedade, Luís Fabiano mostra-se um iluminado da bola. Aliando competência a uma dose extra de sorte, sempre está no lugar certo e na hora certa. "O Luís é o cara que incomoda a defesa, que procura a bola para finalizar e que, ultimamente, tem sido procurado por ela", opina Ricardinho, maestro do meio-de-campo são-paulino. "Não basta só ter sorte porque as oportunidades aparecem. E se você não tem competência... Ele está tendo as duas coisas", completa.

Mas Luís Fabiano teve de superar inúmeras barreiras para chegar ao lugar de destaque que ocupa hoje. Aos 14 anos sentiu na pele, pela primeira vez, as agruras do futebol. O futuro craque teve de ser forte para recuperar-se de uma dispensa do Guarani. "Pensei comigo mesmo que deveria voltar a estudar e parar de jogar. Fiquei o resto de 94 sem pisar nos campos", confessa.

Acabou retornando aos gramados em 1995. E, em 1996, foi para o Ituano. Transferiu-se em 1997 para a Ponte Preta, clube com o qual disputou a Copa Juniores no mesmo ano. Em 1998 foi o artilheiro da equipe. Mas terminou quebrando o pé e ficando dois meses sem jogar em 1999. Em 2000, foi de novo o atleta que mais gols fez pela Ponte.

Depois disso tudo, recebeu a proposta do Rennes, da França. Ficou na Europa durante um ano até chegar, por empréstimo, ao São Paulo em 2001. No Tricolor, marcou 30 gols em 49 jogos, foi artilheiro da Copa dos Campeões e conquistou o título do torneio Rio-São Paulo. No primeiro semestre de 2002, voltou ao Rennes. Entretanto, teve alguns atritos com o técnico do time.

No momento em que o atacante França se preparava a fim de ir embora para o Bayer Leverkusen, da Alemanha, e os torcedores lamentavam sua ausência, Luís Fabiano, por conta dos problemas com o treinador da equipe francesa, arrumava as malas para retornar em definitivo ao Morumbi e proporcionar novas alegrias à nação tricolor e aos próprios companheiros. "O Luís Fabiano foi o melhor parceiro de ataque que tive até hoje na minha carreira. Uma das maiores alegrias da minha vida é poder ser amigo dele e jogar ao seu lado", orgulha-se Reinaldo.

Na conversa a seguir, concedida na quinta-feira antes do feriado de Sexta da Paixão e um pouco antes do treino da tarde, o artilheiro abriu a guarda e falou de gols, cartões, infância, Europa, família e São Paulo Futebol Clube.

No início da temporada, a torcida pegou no seu pé. Mas você deu a resposta fazendo gols. Isso significa uma espécie de lua-de-mel com os torcedores ou depende da conjuntura, do jogo?

Este é um momento que está sendo muito especial para mim. Realmente, depois do jogo contra o Juventus, pelo Campeonato Paulista, comecei a dar uma virada na situação. Ali acho que estava sendo vaiado. Não sei se era para mim, mas encarei como se fosse porque ainda não havia feito gol. Também não tinha jogado tão mal. Depois é que comecei a fazer gol e não parei até hoje.

Quando retornou, você veio substituir França, um jogador que tem importância histórica para o clube. Esse fato o pressionou?

A responsabilidade era grande porque era substituir o França, quarto maior artilheiro do clube. Mas, como eu havia passado pelo SPFC em 2001 e tinha feito um bom trabalho também, estava com a confiança de marcar muitos gols e de estar à altura dele. A torcida, acho eu, já pôde se esquecer um pouquinho do França (risos).

Há pouco tempo, você dis-

se que gostaria de ser lembrado daqui a uns dez anos como um goleador, assim como foram Serginho Chulapa e França. Hoje, porém, já entrou para a galeria dos grandes artilheiros do clube por conta de sua média de gols. Apesar de ser um fato extremamente positivo, isso não trouxe uma responsabilidade e uma cobrança ainda maiores?

A partir do momento em que você começa a fazer gol, ser artilheiro de um Campeonato Brasileiro, que é muito difícil e disputado, a cobrança aumenta, sim. Entro em campo com aquele peso de ser o cara que vai fazer o gol e decidir os jogos. Procuro estar tranquilo, não pensar nisso. Acho que, se você fica refletindo muito, até atrapalha. Mas isso é bom porque grandes jogadores têm grandes responsabilidades.

Quando você chegou ao SPFC, achava o Reinaldo meio "mala". Depois de conviver um período com ele, viu que se tratava de uma grande pes-

“Para mim, é o maior orgulho estar trabalhando neste grupo. Só falta ajustar o tal do detalhe para a gente conquistar o título. Depois ninguém segura”

ASSIM COMO KAKÁ, O ARTILHEIRO TRICOLOR TAMBÉM FEZ UM TRABALHO DE MUSCULAÇÃO NO MEMBRO SUPERIOR

“A MINHA PARTE INFERIOR ERA LEGAL. SÓ QUE, EM CIMA, EU ERA MEIO FRAQUINHO. ENTÃO FIZ UM TRABALHO AQUI NO SÃO PAULO PARA AGÜENTAR MAIS O TRANCO, QUE COMEÇOU ASSIM QUE CHEGUEI E TERMINOU EM JANEIRO DE 2003. ISSO ME AJUDOU BASTANTE NO BRASILEIRÃO. FOI LEGAL. HOJE ME SINTO MAIS FORTE, FIRME E SEGURO. TAMBÉM TENHO MAIS EXPLOSÃO. NA HORA DA ARRANCADA, O CARA BATE E EU POSSO ATÉ ME DESEQUILIBRAR. MAS NÃO CAIO COMO ANTES”.

“Adoro o Luís Fabiano desde a Ponte Preta. Fiquei feliz quando ele voltou para o Brasil. É um baita jogador, que, às vezes, tem um ar até meio desajeitado. Mas, quando você vê uma jogada em que ele pára (e, na verdade, não pára!), pensa e escolhe direitinho o que fazer com a bola (como naquele gol contra o Criciúma...), percebe que, de desajeitado, ele não tem nada. É um atacante forte e rápido, brigador e preciso, que chuta com as duas e cabeceia... Tá bom, não? Só precisa se comportar duas vezes melhor que os outros para não ser advertido — qualquer ameaça de deslize e já era. Cartão nele. E ele sabe disso (mas não pode esquecer!)”.

SONINHA,
CBN, ESPN e Folha de São Paulo



soa e um atleta competente. Hoje, vocês se entendem muito bem tanto fora quanto dentro de campo. Como chegaram a esse nível de entrosamento?

No entrosamento teve o dedo do Oswaldo, que mostrou o caminho. O Reinaldo, o Kaká e eu nos damos bem pela nossa movimentação, pela função de cada um e pelo o que cada um tem de fazer e faz no campo. A gente sabe onde cada um vai estar na hora de uma jogada. Hoje, o Reinaldo é um dos meus melhores amigos até pelo fato de estar comigo no quarto em todas as concentrações. Falamos da maneira de jogar, o que termina ajudando na hora da partida. Ele é um cara que zoa, fala, brinca. E eu gosto desse jeito dele.

Mas o Reinaldo é mais garçom do que você, não é?

Até pela característica de ser um jogador velocista, de habilidade, que gosta de buscar a bola, de ficar mais perto do gol, que se movimenta. Então acabamos casando nesse ponto. Ele faz a função de garçom muito bem.

Você foi artilheiro de alguns campeonatos, como o Brasileiro de 2002 e o Paulista de 2003. Quer dizer, sua parte você fez. Mas o que faltou ao time na conquista dos títulos?

Estamos deixando a desejar em alguns detalhes que acontecem nas partidas. Mas, com a camisa do SPFC, está rolando a melhor fase da minha vida. Fui artilheiro da Copa dos Campeões, do Brasileiro e do Paulista. E vou buscar a artilharia do Brasileirão de 2003. Fico triste por não ter ganho outros títulos. Fui campeão no Rio-São Paulo e foi importante. Entretanto, é pouco para mim e para o São Paulo, que é um grande time, dono de jogadores de qualidade. Mas, quando a gente chega à final, está deixando a desejar em algum ponto.

A equipe ataca bem, mas não termina, quando sobe, ficando defensivamente vulnerável? Não seria uma falha de marcação de todo o elenco e não só dos zagueiros? Você e os demais atacantes do SPFC não deveriam pres-

sionar o adversário no campo de defesa dele para que a coisa fosse diferente?

Esse ponto já foi falado. Fazemos bastantes gols porque todo mundo ataca. Só que devemos ter a consciência de ajudar a defesa. Sabemos que é um time e que, por isso, todo mundo tem de procurar ajudar. A falha de marcação é conjunta. Se pressionarmos o adversário lá na frente, acho que iremos auxiliar bastante a defesa.

Há gente dizendo que o ataque do SPFC não rende diante de times grandes o que rende diante de equipes menores. O que você pensa a esse respeito?

Não dá para fazer cinco gols numa defesa

como a do Corinthians, a do Santos. Se for ver, em todos os jogos contra times grandes, fizemos gols. No próprio Corinthians enfimamos quatro. Infelizmente sofremos mais. Mas a gente está sempre fazendo.

Aliás, o Corinthians está meio entalado na sua garganta como está na dos torcedores?

"Para mim, o Luís Fabiano é um jogador especial no futebol brasileiro de hoje. Com uma condição física invejável, ele consegue aliar força e técnica, fazendo jogadas de altíssimo nível e gols muito bonitos. Sua média de gols no São Paulo impressiona e ele tem melhorado também sua condição psicológica, que tem sido seu calcanhar de Aquiles. Ele tem conseguido controlar seus impulsos em campo e tem reclamado menos dos juizes, melhorando aos poucos sua imagem de indisciplinado. Por tudo isso, acredito que ele já esteja merecendo uma chance na seleção brasileira".

MARCELO VIANA,
Diário de São Paulo

Só participei dessa última final. Mas rola muita provocação. Eles instigam aqui e você vai ficando nervoso, vai pegando birra. Depois não é fácil tirar. É complicado.

Trabalhar ao lado de atletas como Kaká, Ricardinho e Reinaldo deve ajudar bastante. Afinal, em tese, você recebe a bola



“Meu maior objetivo profissional é ir para a seleção. E depois, um dia, voltar à Europa. Porque, quando retornei, foi muito triste o fato de algumas pessoas me tacharem de derrotado, um cara que não se deu bem lá. Isso é chato”

Até o fechamento desta edição, Luís Fabiano estava prestes a completar 100 partidas com a camisa tricolor. Ele atingiria essa marca no dia 18 de maio, em jogo diante do Paraná Clube





GOOOOOOOOL

**“É tudo de bom
que existe para
o atacante”**





LUÍS FABIANO **Clemente**

Nascimento: 08/11/80

Local: Campinas (SP)

Signo: Escorpião

Altura: 1,83 m

Peso: 84 quilos

ESTRÉIA

18/02/2001

São Paulo 0 x 2 São Caetano
no Morumbi

SEGUNDA VEZ

07/07/2002

Cruzeiro 1 a 1 São Paulo,
Estádio Machadão
Marcou o gol de empate

“Jogar com o Luís é fácil. É um jogador que ajuda bastante com sua movimentação, que sempre dá uma opção, que está numa fase sensacional de finalização. Aliás, acho que ele está na melhor fase dele de finalizador. É lógico que isso não acontece à toa. Isso só ocorre pelos treinamentos. E ele tem se aplicado bastante”

RICARDINHO

com mais açúcar. Qual está sendo a parcela de auxílio deles no seu desempenho?

Foi e é importante porque a bola chega com mais qualidade. Aí você só coloca. Também termino aprendendo várias coisas com esses jogadores, que são caras experientes. Para mim, é o maior orgulho estar trabalhando neste grupo. Só falta ajustar o tal do detalhe para a gente conquistar o título. Depois ninguém segura.

Já há algum tempo, e por diversos campeonatos, você é o caminho mais curto entre o Tricolor e o gol. O segredo está no posicionamento, na explosão?

Acho que é o dia-a-dia, a vontade de vencer. Convivi três anos com o Ronaldão, um tetracampeão experiente que trabalhou pra

caramba e que sabia de suas deficiências. Então ele treinava justamente para superar essas dificuldades. Apreendi muito com ele. Aliás, é um cara muito inteligente, lê bastante. É nota dez.

A sua passagem pelo futebol francês não foi uma experiência das melhores, isso, em muito, por causa do treinador. O que houve exatamente?

Quando fomos, havia um técnico que gostava. Ele levou quatro para o Rennes e nos tratava bem. Só que, quando caiu, o cargo foi assumido por um que não gostava. Aí dificultou. Estávamos treinando bem e o cara não nos colocava para jogar. Se chegássemos atrasados dez segundos já fazia escândalo, o que terminava prejudicando nosso trabalho. Fora

de lá estava feliz. Até me virava com o francês. Mas, quando chegava para treinar, ficava infeliz. Ainda bem que voltei para o SPFC em 2001 e fui bem. Adoro o Tricolor. Queria voltar para cá.

Mas, jogando desse jeito, seu retorno ao Velho Continente é questão de tempo. Você já disse que tem predileção pelo futebol espanhol ou italiano, que seriam escolas mais parecidas com a nossa. E se a proposta vier de países como Alemanha e Inglaterra, como fica?

As duas escolas são as melhores. Mas quero deixar claro que não penso em sair hoje do SPFC. Gosto muito daqui e de jogar no Tricolor. O que falei foi mal-interpretado por algumas pessoas que disseram que eu queria ir embora. Falaram que eu já tinha esquecido que o

São Paulo havia me trazido de volta. Mas não é assim. Se acontecer e o São Paulo quiser, se for bom para o clube, eu vou, sem problema. Mas hoje meu pensamento é ficar. Da França, acho difícil vir algo porque os melhores times não estão bem financeiramente. E o campeonato lá não está legal. Se a proposta partir de um bom time da Inglaterra ou da Alemanha, com uma boa condição para mim, com uma estrutura legal para eu segurar as dificuldades do país, da língua e tudo mais, dá até para pensar. No futebol alemão, por exemplo, tem mais o lance da força. Então vai

de se adaptar. Tem de ter força de vontade.

Na Alemanha, você teria de fazer mais musculação...

Aí vou fazer mais musculação, sim (risos).

O que ficou de lição

“Considero Luís Fabiano o melhor reserva para o Ronaldinho. É um jogador de muitas qualidades técnicas e alguém que briga sempre pelo gol. Gosto bastante dessa característica “bandida” da sua personalidade. Briga com zagueiros, reclama, divide todas as jogadas, não desiste nunca. Se ficar no São Paulo, fará história”.

LUÍS AUGUSTO SÍMON,
Jornal da Tarde

ESTATÍSTICAS

2001 • 49 jogos/30 gols
média 0,61 gol por partida

2002 • 25 jogos/21 gols
média 0,84 gol por partida

2003 • 24 jogos/24 gols
média 1 gol por partida
(números válidos até o jogo do São Paulo com o Atlético-MG, no dia 11 de maio de 2003)

CLUBES PELOS QUAIS ATUOU

1994/95 – GUARANI

1996 – ITUANO

1997 – PONTE PRETA

2000/02 – RENNES

2001/02 – SÃO PAULO

O matador são-paulino vencendo o arqueiro corintiano na final do Paulistão 2003



REINALDO CHEGOU A ACHAR QUE LUÍS FABIANO FOSSE O MARRENTO DO TIME

"QUANDO CHEGUEI, DISSE A TODO MUNDO QUE ACHAVA O LUÍS FABIANO MEIO MARRENTO. ENTÃO ELE INVERTEU FALANDO QUE EU ERA MALA (RISOS). MAS O LUÍS É UM CARA SUPERAMIGO, BEM DIFERENTE DO QUE AS PESSOAS ACHAM QUE ELE É: BAD BOY, INDISCIPLINADO".



MÉDIA DE GOLS

A maior média de gols na história do clube é de Artur Friendereich. O centroavante, que ainda é o primeiro do São Paulo nesse quesito, chegou a 0,81 por partida. Em sua carreira, o atleta fez 1.329 gols e foi considerado o Pelé dos anos 20. Luís Fabiano, por enquanto, só fica atrás de Fried.

COM A CAMISA TRICOLOR

Defendendo o São Paulo, Luís Fabiano, até o fechamento desta edição, havia participado de 97 jogos e marcado 75 gols.

da sua estada na Europa?

É muito legal morar na Europa. Totalmente diferente do Brasil. Eu estava com 18 anos. Era molecão. Foi uma experiência nova. Nunca tinha vivido sozinho. Então tive de aprender. Fui com minha noiva, que era nova também, coitada. Ela fala inglês. E isso foi a salvação no começo. Mas se trata de outra cultura, outra culinária. Tudo é diferente. É outro jeito de viver porque lá não existe o carinho do brasileiro. Nunca vi a cara do meu vizinho em um ano que fiquei lá.

Hoje, você se sente preparado para morar na Europa novamente?

Tenho outra cabeça. Estaria com o pensamento voltado para passar por cima das dificuldades. De vencer. Atualmente, seria mais respeitado do que antes porque sairia do São Paulo. Antes atuava na Ponte Preta, que é um clube pequeno. E eu não era artilheiro. Hoje já sou. Queira ou não queira, isso tem um peso maior. O cara vai me contratar por um valor alto. Então vai ter de dar uma chance a mim. Não vai fazer como foi feito na França.

A sua ligação com o São Paulo Futebol Clube é muito forte, algo que pouco se vê hoje. Como vai ficar o coração quando você for?

Vai ser muito triste deixar o São Paulo, time que realmente me acolheu muito bem, que me deu a chance de sorrir, de crescer porque eu estava no Rennes e, se tivesse continuado lá, até poderia estar jogando, mas não estaria com esse nome que tenho hoje. Deixar o SPFC vai ser muito triste, vai me partir o coração. Mas, um dia, pretendo voltar também. Sou muito novo. Tenho 22 anos. Daqui uns cinco, retorno. E só vou ter 27.

O que passa pela cabeça do atacante quando ele não converte um pênalti e a bola insiste em não entrar?

Não me desespero. Só que fico meio bravo por ela não entrar. Mas continuo insistindo. Não desanimo, não. Na hora do lance até dou uma baqueada. No outro já estou ali, ligado e querendo marcar. No jogo contra o Criciúma, perdi o pênalti e fiquei muito furioso. Mas, depois dali, pensei comigo mesmo: 'Vou fazer o gol'. Tentei, persegui. Mas não deu tempo. Se houvesse mais dez minutos, eu iria descontar.

Então, quando a bola não entra, você termina ficando

"Ele vem mostrando tudo o que eu já sabia: o potencial que tem na frente, o cheiro de gol. É um matador nato. Fora de campo, é uma pessoa humilde que ajuda as pessoas que precisam. Tem o coração muito grande"

REINALDO

instigado?

Mais instigado a fazer o gol. O que pode até atrapalhar porque você fica mais afoito. Na hora quer marcar. Entretanto pode acabar errando. Mas que a vontade aumenta, aumenta.

Você sempre se sentiu perseguido pelos juizes. Como está sua relação com eles?

Ainda tomo alguns cartões-zinhos mas, em vista de outros tempos, melhorei muito. Estou feliz por isso e não haverá mais problemas.

Mas você já tomou um gancho no Brasileirão e ficou fora da partida contra o Fortaleza.

Tomei um ganchinho. Mas esse é o primeiro e último do Campeonato Brasileiro. Pretendo não tomar mais nada.

No primeiro jogo contra o Santos pelo Campeonato Brasileiro de 2002, você deu uma banana para a torcida praiana. Aquilo não teria sido um fator a mais para o Diego sapatear no escudo são-paulino? Seus companheiros de time conversaram com você sobre aquele episódio?

Um erro não justifica o outro. Foi um desabafo pelo clima que envolvia o jogo. Mas ele poderia ter evitado. Pois o dele foi mais pesado que o meu. Na hora, todo mundo ficou bravo porque acabou chamando a torcida contra. O juiz também me deu cartão.

E em casa, sua mãe não pega no seu pé, não?

Ela me fala para parar de fazer besteira. A todos os lugares aonde vou, as pessoas falam dos gols e dos cartões. Todo mundo elogia: 'Que gol bonito'. Mas fala: 'Você toma muito cartão'.

Há muita gente falando que você é o maior atacante em atividade no Brasil. Com todos esses gols que vem fazendo, o que lhe falta para

ser convocado?

Não sei. Muitos dizem que, por causa dos cartões, ainda não fui chamado. Por ora, vou procurando mostrar o que sei fazer. Estou numa fase muito positiva, com uma boa média de gols. Agora só estou esperando a chance. Uma hora, se Deus quiser, rola.

Por causa de seu temperamento, teve de procurar uma psicóloga. O tratamento está surtindo os efeitos esperados?

Para ser sincero, fiz pouco. Mas ajudou bastante. Ali era o momento em que eu precisava de uma ajuda porque era o instante mais crítico da minha carreira. Fiz várias besteiras seguidas, uma atrás da outra. Foram vários cartões e, se eu não a tivesse procurado, poderia até não estar fazendo o que faço hoje. Poderia ter seguido outro caminho. Agora é que vejo que foi bastante importante conversar com ela.

Você fica se policiando dentro de campo? Na segunda partida da final do Paulistão 2003, naquele lance que originou a expulsão de Reinaldo logo no começo, você empurrou o rosto do Kléber, lateral corintiano. O que rolou ali? Você não teve medo de prejudicar o time e voltar a ser tachado de explosivo?

Na hora em que fiz, fiquei. Ele veio me insultando, falando um monte de coisa para mim. Então procurei ficar tranquilo. Mas ali, com campo

lotado, precisando da vitória, não teve como. Todo mundo viu que eu falei para ele ir jogar e me esquecer. Não tenho nada contra ele, até pode ser um parceiro daqui a alguns anos, não sei. Mas, naquele momento, não tinha como falar: 'Meu amigo'. É claro que sempre tenho medo de prejudicar o time. Quando o árbitro vem para cima de mim, independente do motivo, sempre fico com

"Luís Fabiano é um atacante completo. Ele tem muita força física, é habilidoso e sabe cabecear. Hoje, é o melhor atacante de área jogando no futebol brasileiro e está merecendo uma convocação para a seleção brasileira. O seu único problema é perder a cabeça em algumas partidas. Se conseguir se controlar, pode render ainda mais"

GIOVANE MARTINELLI,
Diário LANCE!

um medo danado. Porque aquela expulsão contra a Inter de Limeira foi bastante dolorida. Poderíamos ter perdido o jogo. Tenho até receio de falar palavrão. Naquela vez em que disse, fui expulso. Os caras estão ligados em tudo. Ainda falo, mas procuro dar uma segurada.

Gostaria que você voltasse no tempo e contasse um pouco da sua infância no Jardim Proença (bairro de Campinas em que cresceu).

Eu tinha vários amigos lá. É um bairro típico de periferia, legal. Não é violento. Minha infância foi baseada em jogar futebol mesmo. Enforcava aula na escola e tomava várias suspensões por causa disso. Havia um campinho perto da minha casa. Até que não rolava muita briga porque todo mundo era amigo de todo mundo. Não tinha muita diferença.

Os colegas de infância sentem orgulho de Biro (seu apelido)?

Sou motivo de orgulho do pessoal, apesar de haver outros que também são jogadores. Mas a maioria não foi para o caminho errado e muitos ainda são meus parceiros. Eles vão em casa conversar comigo e tudo mais. O apelido não tem explicação. Não sei por que nem quem colocou. Eu era muito pequeno. Mas a maioria me conhece por Biro.

Quando seus pais se separaram, seus comportamentos mudaram?

Nunca porque meu avô foi um grande pai. Morei com ele e fui tratado como se fosse um filho. Então não tive muito essa carência. Quando ele morreu, foi um dos piores dias da minha vida. Eu estava na França. Vim correndo para o Brasil, com a roupa do corpo. São 12 horas de viagem. E foi uma tristeza muito grande. Pois ele era o grande chefe da família, cuidava de tudo. Tinha muito orgulho de mim. Até andava com alguns recortes meus e algumas fotos minhas em seu bolso para mostrar. Hoje, se estivesse aqui, estaria muito feliz por estar vendo essa fase em que estou.

Depois da morte do seu avô, você teve de assumir as responsabilidades de chefe da família. Como lida com isso?

As minhas responsabilidades aumentaram bastante. Tudo o que acontece, eles falam para mim. Tudo de que precisam, falam co-

migo também. Estou muito orgulhoso de ser o chefe da família e de poder dar uma condição melhor a eles.

Seu irmão mais novo vai seguir seus passos? Ele está em alguma escolinha?

Ele vai decidir. Não adianta forçar nada. Se quiser ser, vou estar de empresário (*risos*). Ainda não está em nenhuma escolinha, mas quer entrar. Está até me pressionando. Mas, primeiro, tem de estudar. Agora ele está com seis anos. Não adianta fazer o que fiz.

Não são raros os casos de jogadores que não souberam administrar sua vida financeira e foram à bancarrota. De que forma você garante seu futuro? Que conselho dá a jovens atletas?

Tenho um empresário que é

mais da família do que qualquer outra coisa. E ele está sempre me ajudando nesse ponto. Mas tem de ter cabeça. Não se pode deixar impressionar com dinheiro porque ele acaba e aí a coisa complica muito. Não adianta você ganhar 30 mil e querer comprar um carro de 200. Tem de saber a hora de fazer isso. Também tem de tomar cuidado com o que muita gente vem prome-

"Luís Fabiano faz gol a torto e a direito. Quando não cria ele próprio a jogada, está bem colocado. É inegável o seu talento, que em nada se equivale ao do incontestado Kaká, por exemplo. Embora às vezes se deixe erroneamente contagiar pelos toques de letra, Luís Fabiano é mais das divididas e das explosões, também psicológicas e irracionais. Sufocar esse seu aspecto é sufocar também o seu talento. Hoje ele pode não ser o melhor jogador do time, mas é, sem dúvida, a referência mais importante do São Paulo, quando ganha e quando perde".

MARÍLIA RUIZ,
Folha de São Paulo

ter e oferecer porque tudo isso é só ilusão. O atleta tem uns oito anos para ganhar dinheiro. Depois complica.

O que o torcedor pode esperar do Luís Fabiano daqui para a frente?

Vou continuar fazendo o que estou fazendo e, se possível, conquistar um título. O tor-

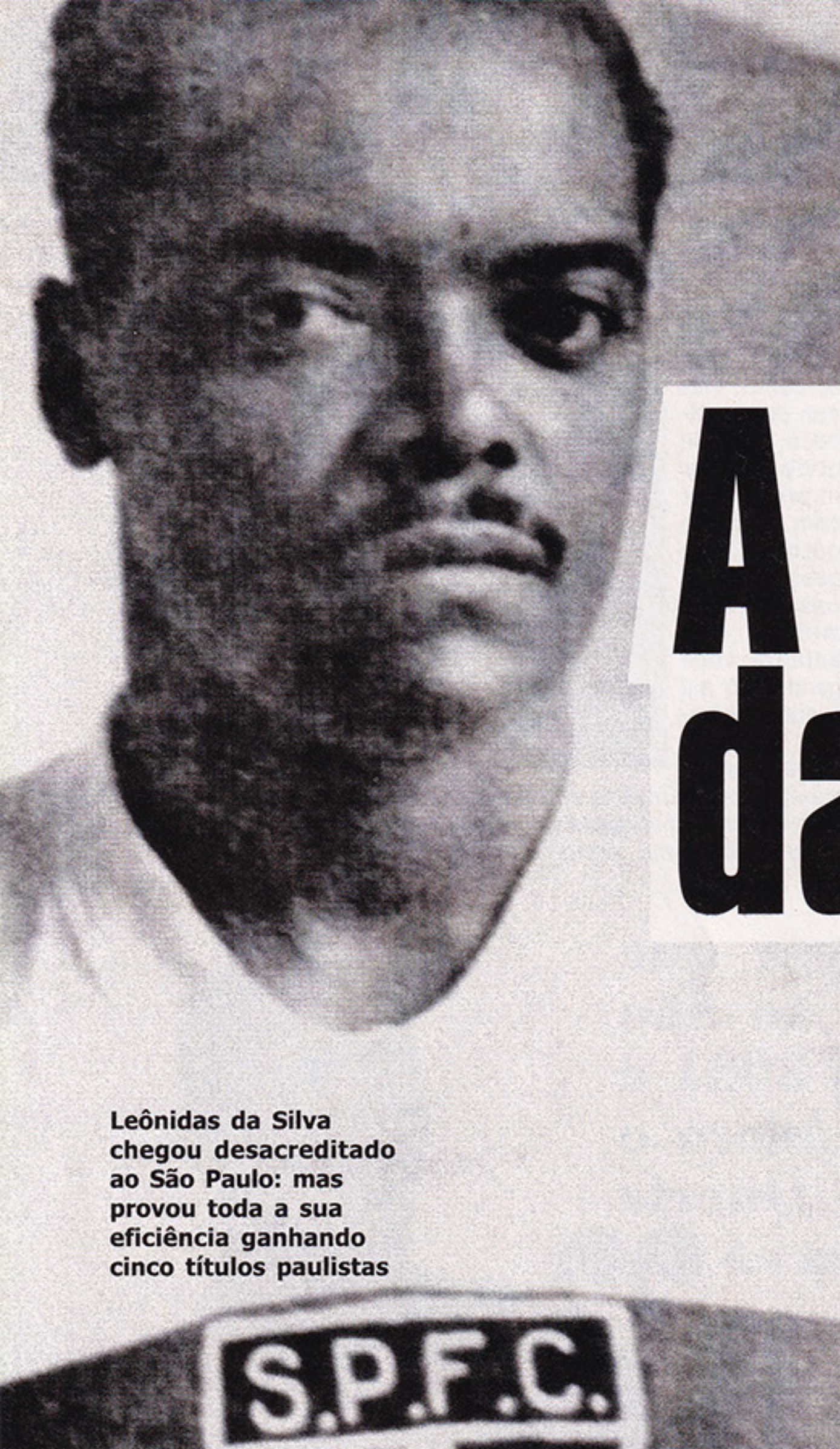
cedor está sentindo falta e a gente também. Isso deve dar uma tranquilidade ao nosso trabalho.

“Ainda bem que retornei ao São Paulo em 2001 e fui bem. Adoro o Tricolor. Queria voltar para cá”

EXPLOSÃO

LUÍS FABIANO É UM ATLETA QUE POSSUI FIBRAS DE CONTRAÇÃO RÁPIDA, QUE SÃO TÍPICAS DE VELOCISTAS. ELAS PROPORCIONAM MAIS FORÇA, EXPLOSÃO E, OBVIAMENTE, VELOCIDADE. "POR CONTA DISSO, ELE DEMORA MAIS PARA SE RECUPERAR DEPOIS DE UM ARRANQUE. POSSO PEDIR QUE VOLTE RÁPIDO, MAS NÃO QUE FIQUE INDO E VOLTANDO", ANALISA FÁBIO MAHSEREDJIAN, PREPARADOR FÍSICO DO SÃO PAULO.





Leônidas da Silva chegou desacreditado ao São Paulo: mas provou toda a sua eficiência ganhando cinco títulos paulistas

A mística da camisa

Por estarem tão próximos do objetivo maior do futebol, que é o gol, os **CENTROAVANTES** (hoje atacantes) são os jogadores mais amados e odiados dentro e fora de campo

Por Fernando Savaglia
Colaborou José Acras

Adjetivos vindos das arquibancadas sempre estão lá, marcando presença. Oportunista, clássico, firulento, brigador, habilidoso, matador, catimbeiro, preciosista, rompedor, pipoqueiro etc.

Centroavante nem sempre é sinônimo de artilheiro. Na história do Tricolor, houve grandes armadores como Remo, Pedro Rocha e Raí. Mas também excelentes pontas-de-lança como Murici e Benê. E ótimos pontas-direitos e esquerdos como Canhoteiro, Zé Sérgio, Friaça, Teixeira, Maurinho e Luizinho, entre outros. Todos atletas que se consagraram marcando muitos, inesquecíveis e importantes gols.

No chamado futebol moderno, a palavra centroavante foi aos poucos sendo trocada do vo-

cabulário dos boleiros pela fria e impessoal atacante. Esta última não dá o devido sentido do que representam para a torcida. Afinal, são eles a última esperança de que algo possa mudar, mesmo em situações adversas. Além do que, bola nos pés deles, perto da área adversária, sempre gera expectativas.

No São Paulo, desde que os uniformes passaram a ostentar números, centroavante é camisa 9. Essa combinação das cores vermelha, branca e preta com o respectivo número estampado nas costas sempre foi sinal de perigo para as defesas adversárias.

A partir de agora, mergulhe fundo num pequeno compêndio de histórias sobre os antecessores de Luís Fabiano (*confira nesta edição a reportagem de capa com o artilheiro são-paulino da temporada 2003*) e

descubra por que a camisa 9 são-paulina tem tanto peso e tradição.

EL TIGRE

Artur Friedenreich foi o primeiro centroavante a usar a camisa do Tricolor. Jogando no extinto time do Clube Atlético Paulistano, El Tigre, como era conhecido, havia sido artilheiro do Campeonato Paulista por nove vezes. Em 1935, quando foi fundado o São Paulo Futebol Clube, Fried já era um veterano de 43 anos de idade. Ainda assim contribuiu, e muito, para a conquista do título de 31, sendo o vice-artilheiro da competição com 32 gols. Em toda a sua carreira, o jogador marcou 1.329 gols. Por essas e outras, foi considerado o Pelé dos anos 20.

Atuando como armador e centroavante, Waldemar de Brito foi o artilheiro do Campeonato

Paulista de 1933 pelo São Paulo. Dos 62 gols convertidos pelo time, Brito fez 21. Outra de suas marcas expressivas aconteceu na primeira edição do Torneio Rio-São Paulo, disputado no mesmo ano. Ele marcou 33 gols em 22 jogos, recorde que até hoje perdura na competição.

A década de 30 ainda veria Elyseo de Siqueira se transformar em artilheiro do Paulista de 38. Nesse torneio, o oportunista centroavante foi autor de 13 gols.

DIAMANTE NEGRO, O INVENTOR DA BICICLETA

Outro que chegou veterano ao São Paulo foi Leônidas da Silva, cujo apelido era Diamante Negro. Muitos diziam que ele estava em fim de carreira. O ex-craque do Flamengo, porém, defendeu o Tricolor por nove anos e marcou nada me-



FOTOS REPRODUÇÃO

Toninho Guerreiro foi o único jogador a sagrar-se pentacampeão paulista: 67, 68 e 69, com o Santos, e 70 e 71 com o Tricolor

nos que 140 gols.

Nem é preciso dizer que ele calou a boca de todos aqueles que afirmavam que seu futebol estava em baixa. Não bastassem os gols fundamentais para a conquista de cinco títulos paulistas na década de 40, algumas de suas jogadas, como a famosa bicicleta, ficariam imortalizadas pela plasticidade e inovação com que eram aplicadas.

Ao contrário de Leônidas, o grandalhão argentino Elmo Bóvio, sucessor de Diamante Negro, não tinha a técnica refinada como principal característica de seu futebol. Diga-se de passagem, não tinha técnica alguma. Seu jogo era uma mistura de força e catimba, que acabaram por originar divertidas histórias que entraram para o folclore do futebol (*acompanhe o quadro adiante*).

TANQUE OPORTUNISTA

A década de 50 pertenceu a outro centroavante. Seu nome? Gino Orlando, que faleceu recentemente. Trata-se do segundo maior artilheiro da história do clube, com 232 gols em 450 jogos disputados.

Se também não tinha um estilo refinado de jogar, pelo menos Gino era dono de um oportunismo impressionante. Seu apelido, Tanque, dá uma idéia da garra com que disputava as jogadas. Sua impulsão também era outro ponto

de destaque. Cansou de fazer gols de cabeça tanto pelo São Paulo quanto pela seleção brasileira, que defendeu por diversas vezes.

Gino teve, como companheiro de ataque, um argentino chamado Gustavo Albella que, apesar de ter sido contratado como centroavante, acabou arranjando uma vaga na equipe na condição de ponta-de-lança. Em apenas dois anos de clube, fez 47 gols e, graças a seu talento, ganhou o apelido de "El Atómico".

Nos anos 60, apesar dos pou-

cos títulos de expressão, o Tricolor paulista contou com grandes comandantes de ataque. Como exemplos, pode-se mencionar o baixinho e velocista Prado ou o veterano Pagão, que fez fama ao atuar no time do Santos da década de 60 ao lado de Pelé e cia.

Aliás, jogando contra seu ex-time, Pagão acabou por deixar seu nome definitivamente cravado na história do São Paulo ao marcar o quarto gol da goleada por 4 a 1 no embate que ficou conhecido como Cai-Cai, isso por conta das simulações de contusões dos jogadores do Santos que, prevendo sofrer um chocolate homérico, começaram a desabar em campo.

Outro excelente atleta que vestiu a camisa 9 do São Paulo foi Babá, goleador que veio do Guarani de Campinas. Ele, entretanto, atuou no São Paulo bem no momento em que o Morumbi

LEÔNIDAS DA SILVA, O EX-CRAQUE DO FLAMENGO, DEFENDEU O TRICOLOR POR NOVE ANOS E MARCOU NADA MENOS QUE 140 GOLS



Gols e confusões: a rotina do maior artilheiro do Tricolor de todos os tempos, Serginho Chulapa



Careca: o centroavante brasileiro mais temido dos anos 80



Mirandinha no lance que o afastou dos campos por três anos

era finalizado. Ou seja, quando a diretoria tricolor estava impossibilitada de montar equipes mais competitivas em virtude das grandes somas de dinheiro que as obras para a conclusão do estádio consumiam.

UM GUERREIRO CHAMADO TONINHO

Tricampeão paulista com o Santos em 67/68/69, Toninho Guerreiro, ao contrário de Babá, tinha ao seu lado um plantel montado para tirar o São Paulo do jejum de 13 anos sem títulos.

Sem dúvida, foi um dos mais completos centroavantes que passaram pelo Tricolor. Aliava a velocidade e a técnica à catimba e à combatividade, daí a origem de seu apelido. Quando saiu do Tricolor, já havia conquistado mais dois títulos paulistas em sua vitori-

osa trajetória (70/71), além de ter sido o artilheiro dos estaduais de 70 e 72. Em 1974, encerrou sua carreira no Noroeste de Bauru, equipe que o tinha lançado no futebol.

O sucessor de Toninho veio do Corinthians. E era conhecido apenas como Mirandinha. Sebastião Miranda da Silva Filho atravessa-

va má fase quando se transferiu do Parque São Jorge para o Morumbi, em 1973.

A princípio desconfiada, a torcida são-paulina não demorou a se render ao talento do centroavante. Sempre conjugando velocidade e oportunismo, Mirandinha foi a sensação do ano de 73. Ele simplesmente demolia

as defesas adversárias, chegando até mesmo a disputar a Copa de 74 na Alemanha ao lado de feras como Rivelino e Jairzinho.

Infelizmente, uma grave contusão em um jogo do Campeonato Paulista contra o América de Rio Preto, em 24 de novembro de 1974, afastaria o goleador dos gramados por três longos anos. Nos dias de hoje, no grau em que está a medicina esportiva, é bastante provável que esse período de recuperação fosse muito menor. A volta do atacante deu-se no final do Brasileiro de 77, quando o técnico Rubens Minelli o improvisou na ponta-direita do ataque.

O reencontro do artilheiro com o gol, em uma importante vitória contra o Grêmio em casa, foi muito comemorado pelos companheiros de equipe, torcida e diretoria. Todos reconheciam no valen-

MUITOS JOGADORES QUE PASSARAM PELO SÃO PAULO GANHARAM O RESPEITO E A SIMPATIA DA TORCIDA, MAS A RELAÇÃO ENTRE SERGINHO CHULAPA E TORCEDORES TRANSCENDIA TUDO QUE SE TINHA VISTO ATÉ ENTÃO

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

NO TORNEIO RIO-SÃO PAULO

1933 - Waldemar de Brito - 32 gols
1958 - Gino - 12 gols
1998 - Dodô - 5 Gols
2002 - França - 19 gols

EM CAMPEONATOS BRASILEIROS

1972 - Pedro Rocha - 17 gols
1986 - Careca - 25 gols
2002 - Luís Fabiano - 19 gols

EM LIBERTADORES DA AMÉRICA

1972 - Toninho Guerreiro - 6 gols
1974 - Terto e Pedro Rocha - 7 gols
1992 - Palhinha - 7 gols

NA COPA CONMEBOL

1994 - Juninho - 5 gols

NA COPA DOS CAMPEÕES

2001 - Luís Fabiano - 7 gols

OS MAIORES GOLEADORES DA HISTÓRIA DO TRICOLOR

- 1º Serginho Chulapa 242
- 2º Gino Orlando 232
- 3º Teixeira 184
- 4º França 182
- 5º Müller 158
- 6º Luizinho 145
- 7º Leônidas da Silva 140
- 8º Maurinho 133
- 9º Raí 128
- 10º Pedro Rocha 113
- 11º Careca 112
- 12º Remo 105

te Mirandinha, antes de qualquer outro fator, uma lição de persistência e superação, pois foram cinco cirurgias na perna. Posteriormente, o atleta transferiu-se para o emergente futebol norte-americano, no qual defendeu as cores do Tampa Bay da Flórida.

O MAIOR DE TODOS

Foi justamente no jogo em que Mirandinha se contundiu que um garoto alto e meio desengonçado, que atuava como ponta-esquerda, começou a despontar na que seria a mais festejada e irreverente carreira de todos os camisas 9 que passaram pelo Tricolor. Só poderia ser Serginho, vulgo "Chulapa".

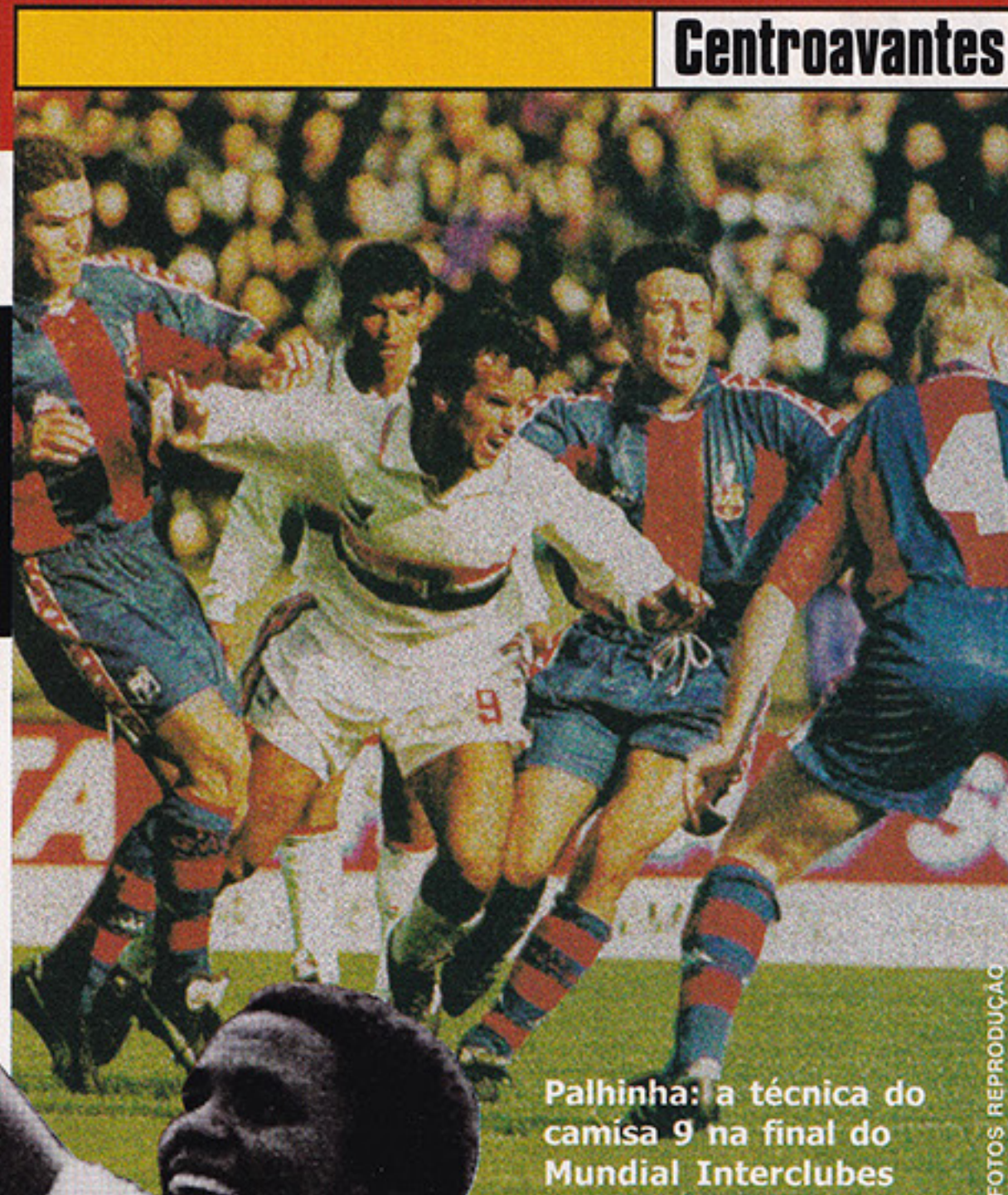
Naquela partida, deslocado para o comando de ataque, ele deixaria sua marca fazendo dois gols na vitória por 3 a 0 diante do América de Rio Preto. Mas, mesmo atuando como ponta-esquerda, Serginho já havia estreado bem, meses antes, quando fez o gol de empate contra o Corinthians em jogo do Campeonato Brasileiro.

O apelido de Chulapa foi dado pelo ponta-direita Terto por causa das chuteiras tamanho 43 que o garoto de apenas 19 anos calçava. Muitos jogadores que passaram pelo São Paulo ganharam o respeito e a simpatia da torcida, mas a relação entre Serginho e

torcedores transcendia tudo que se tinha visto até então. Também, pudera. Foram dez anos de gols de todos os tipos, afora seu ar sempre malandro e irreverente, que contribuía para cativar cada vez mais a massa tricolor.

Um ano após sua estréia, ele já era peça fundamental na equipe campeã paulista de 1975. E, além do título, acabou se tornando o artilheiro do torneio com 19 gols, façanha que repetiria no Paulistão de 77 ao deixar sua marca de artilheiro por 32 vezes durante a competição.

É verdade também que, às



Palhinha: a técnica do camisa 9 na final do Mundial Interclubes

FOTOS REPRODUÇÃO

ta do porte de Serginho não era fácil. Poucos centroavantes brasileiros da época eram capazes de serem tão mortais dentro da área quanto ele. Ainda que o ano de 79 não tenha sido dos melhores para o São Paulo, sua volta ao ataque foi muito celebrada por toda a nação tricolor.

Durante mais quatro anos, Serginho comemorou diversos gols com os são-paulinos. Até seu passe ser negociado com o Corinthians no início de 83. Em dez anos de clube marcou 242 gols, recorde absoluto. Ainda conquistou os títulos paulistas de 75, 80 e 81 e o Brasileiro de 77. Sua saída marcou o fim de uma era no Morumbi.

PASSE PARA O CARECA QUE ELE RESOLVE...

Comprado do Guarani em 1983, Careca foi, ao lado de Fried e Leônidas da Silva, um dos mais técnicos jogadores que já vestiram a camisa 9 do São Paulo. Sua missão era das mais difíceis, pois deveria substituir Chulapa.

Careca construiu parte de sua fama no time de Campinas ao se sagrar campeão brasileiro com apenas 17 anos, em 1978. Com um ataque formado por ele, Capitão e Bozó, a equipe campineira foi a primeira do interior a conquistar o título nacional, fato que

vezes, Serginho tinha reações totalmente adversas, fato que explica as mais de 40 expulsões que teve em sua carreira. Mas uma delas, em especial, terminou lhe custando caro. Num jogo contra o Botafogo de Ribeirão Preto, pelo Campeonato Brasileiro de 77, irritado por conta da anulação de um gol legítimo, agrediu um bandeirinha. Essa explosão de ânimos o afastou por 14 meses dos gramados.

Durante sua ausência, um jovem chamado Milton Cruz chegou a empolgar a torcida com belos gols. Substituir, porém, um atle-



França marcou época: tornou-se o quarto maior goleador da história do clube

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO EM CAMPEONATOS PAULISTAS

1933	-	Waldemar de Brito	-	21 gols
1938	-	Elyseo de Siqueira	-	13 gols
1944	-	Luizinho	-	22 gols
1949	-	Friaça	-	24 gols
1956	-	Zezinho	-	18 gols
1970	-	Toninho Guerreiro	-	13 gols
1972	-	Toninho Guerreiro	-	17 gols
1975	-	Serginho	-	19 gols
1977	-	Serginho	-	32 gols
1985	-	Careca	-	23 gols
1987	-	Müller	-	10 gols
1991	-	Raí	-	20 gols
1995	-	Bentinho	-	20 gols
1997	-	Dodô	-	19 gols
1998	-	França	-	12 gols
2000	-	França	-	18 gols
2003	-	Luís Fabiano	-	8 gols

Evair: ele também envergou a camisa do São Paulo



jamais se repetiria.

Por conta de uma séria contusão no joelho, jogou pouquíssimas partidas pelo Tricolor no ano de 83. Acabou então sendo afastado e, em seu lugar, passou a atuar um outro centroavante vindo do interior paulista chamado Marcão, que fora comprado da Ferroviária de Araraquara.

Apesar de alguns gols, em sua grande maioria de cabeça, o grandalhão Marcão não parecia estar à altura de Careca. E não dava mostras de que iria fazer a torcida esquecer Serginho Chulapa, naquela altura já defendendo o Santos Futebol Clube.

ATAQUE FULMINANTE

No ano seguinte, a equipe do São Paulo passou por uma profunda reformulação. A diretoria apostou em jovens talentos das divisões de base, cujo comando ficou a cargo de Cilinho.

Além de poder contar com Careca, totalmente recuperado da contusão, o time do Morumbi tinha em Müller, Silas, Sidney e Pita os ingredientes para formar, a

médio prazo, um grandioso e quase insuperável esquadrão.

Ainda em 1984, outro reforço importante que chegou foi o centroavante Casagrande. Ele veio emprestado do Corinthians e, no Tricolor, foi deslocado para jogar de ponta-de-lança. Os dois anos seguintes viram essa equipe tornar-se a mais forte do Brasil. E a estrela de Careca brilhar ainda mais.

Com suas atuações exuberantes, o Tricolor conquistou o Paulista de 85. A melhor fase desse atleta extraordinário, entretanto, viria no Brasileirão de 86, quando, além de artilheiro da competição (*marcou 25 gols*), fez o tento de empate contra seu ex-clube na mais emocionante decisão dos Campeonatos Brasileiros de todos os tempos.

Perdendo por 3 a 2 e já no final do segundo tempo da prorrogação, era possível ouvir o hino do clube campineiro tocando nos alto-falantes do Estádio Brinco de Ouro da Princesa em saudação ao time, que parecia ser o campeão brasileiro de 86.

Mas, no último ataque tricolor,

FRANÇA FOI O MAIS EFICIENTE ATACANTE DO SÃO PAULO NO FINAL DA DÉCADA DE 90. ELE FEZ 182 GOLS COM A CAMISA DO TRICOLOR, O QUE LHE ASSEGURA ATÉ O MOMENTO A POSIÇÃO DE QUARTO MAIOR ARTEILHEIRO DA HISTÓRIA DO CLUBE

no minuto final da prorrogação, o zagueiro Wagner Basílio deu um chutão para frente, Pita ganhou de cabeça e a bola sobrou para Careca que, num sem-pulo fantástico, estufou as redes adversárias levando a decisão para os pênaltis. O artilheiro tinha colocado novamente o São Paulo no jogo. Na cobrança das penalidades, o time do Morumbi sairia de campo com seu segundo título nacional.

Careca fora vendido ainda

naquele ano para o Napoli da Itália, clube que lhe daria fama internacional e no qual faria dupla com ninguém menos que o argentino Diego Maradona.

As equipes que surgiram depois não tinham em seus centroavantes os pontos fortes dos times, mas mesmo assim eram jogadores que resolviam. No título paulista de 87, por exemplo, o camisa 9 são-paulino era Lê, um meia que fora comprado da Internacional de Limeira. Ele aca-

RUBENS CHIRI

REPRODUÇÃO



Da Gávea para o Morumbi: toda a raça de Reinaldo

MAIORES ARTILHEIROS EM UM JOGO

GOLS	JOGADOR	PLACAR	ANO
6	Sastre	São Paulo 9 x 0 Port. Santista	1943
5	W. Brito	São Paulo 7 x 4 América/RJ	1933
5	W. Brito	São Paulo 12 x 1 Sírio	1933
5	W. Brito	São Paulo 5 x 1 Vasco	1933
5	Augusto	São Paulo 10 x 0 Guarani	1950
5	Raí	São Paulo 6 x 0 Noroeste	1992
5	Dodô	São Paulo 5 x 0 Cruzeiro	1997
5	Dodô	São Paulo 7 x 1 União São João	1997
5	L. Fabiano	São Paulo 6 x 0 São Raimundo	2003
4	Elyseo	São Paulo 4 x 0 Espanha	1938
4	Euclides	São Paulo 6 x 1 Ipiranga	1939
4	Euclides	São Paulo 5 x 1 Fluminense	1939
4	Leopoldo	São Paulo 10 x 0 Ourinhos	1943
4	Luizinho	São Paulo 8 x 2 SPR	1944
4	Leônidas	São Paulo 12 x 1 Jabaquara	1945
4	Remo	São Paulo 12 x 1 Jabaquara	1945
4	Luizinho	São Paulo 7 x 0 Juventus	1946
4	Luizinho	São Paulo 7 x 1 Barretos	1946
4	Teixerinha	São Paulo 7 x 1 Flamengo	1946
4	China	São Paulo 8 x 0 Araçatuba	1949
4	Lanzoninho	São Paulo 4 x 1 Nacional-SP	1950
4	Zezinho	São Paulo 5 x 1 XV de Piracicaba	1956
4	Ney Blanco	São Paulo 7 x 0 Linense	1957
4	Gino	São Paulo 6 x 2 Ponte Preta	1957
4	Prado	São Paulo 8 x 0 Noroeste	1965
4	Paraná	São Paulo 6 x 1 Port. Santista	1965
4	Serginho	São Paulo 4 x 0 Ferroviário (CE)	1982
4	Guilherme	São Paulo 4 x 1 Tenerife (Esp)	1993

bou improvisado na função de comandante de ataque.

Já no ano seguinte o jovem Marcelo, promovido dos juniores, deu o que falar ao fazer um belíssimo gol com direito a chapéu em um zagueiro palmeirense. A partida era válida pela semifinal do Campeonato Paulista.

Na conquista do Paulistão de 89, o São Paulo contava com Ney, um centroavante que teve uma atuação apenas discreta num time que tinha como destaques os meias Raí e Bobô. Em 1990, a camisa 9 ficou com mais

um jogador revelado nas divisões de base do clube, Eliel.

NO LUGAR MAIS ALTO COM PALHINHA

O meia Palhinha veio do América-MG com fama de jogador de toques refinados e inteligentes. Por conta de sua leveza e velocidade, Telê o deslocou para o comando do ataque, setor que lhe permitiu formar com Raí uma das duplas mais eficientes do futebol brasileiro dos anos 90. Aliás, os dois fizeram inúmeras tabelas das mais fantásticas já vistas.

O CATIMBEIRO BÓVIO

Elmo Bóvio sempre usou seu físico privilegiado para deslocar os jogadores adversários. Em um jogo contra a Portuguesa de Desportos no Pacaembu, no dia 17 de setembro de 1950, irritado com a impossibilidade de utilizar sua força física nas divididas contra o goleiro Lindolfo, da Lusa, maior e mais forte do que ele, Bóvio tentava desconcentrá-lo chamando-o de lindinho.

Percebendo que o arqueiro não se deixava envolver pelas suas provocações, então resolveu apelar para uma prática um tanto quanto antidesportiva, que era mexer com o maior orgulho do adversário: sua masculinidade. Além de físico de alterofilista, Lindolfo fazia muito sucesso entre as mulheres. Ele era considerado um legítimo galã dos gramados.

Então, ao subir para disputar uma bola com o goleiro num escanteio, o argentino beliscou as nádegas do adversário, que não teve dúvidas em desferir-lhe um soco na boca. O árbitro, que viu apenas a agressão que o são-paulino sofreu, acabou expulsando o atleta da Portuguesa.

Para piorar a situação do time do Canindé, naquela época as substituições não eram permitidas. A solução foi um atacante ser improvisado como goleiro. O placar que era de 1 a 0 para a Lusa terminou em 2 a 1 para o Tricolor. E Bóvio saiu de campo feliz da vida.

Com ele foram oito títulos, dos quais sete internacionais. Macedo, seu reserva, também não era um centroavante nato. Por várias vezes, porém, atuou na frente. E teve importante participação no segundo jogo da final da Libertadores de 92 contra o argentino Newell's Old Boys, quando sofreu o pênalti que resultou em gol de Raí.

Nos anos 90, passaram pelo São Paulo centroavantes dos mais variados estilos como, por exemplo, Bentinho, que foi o artilheiro do Paulistão de 95; e Valdir, que infelizmente não conseguiu repetir suas boas atuações da época em que defendia o Vasco da Gama; além do colombiano Aristizábal, hoje no Cruzeiro.

Das categorias de base, comandaram o ataque Caio, vendido posteriormente para a Inter de Milão; Guilherme, campeão da Recopa Sul-americana de 1994; e Dodô, que até hoje é dono da sexta maior média de gols da história da equipe: 0,645 por partida.

Mas o mais eficiente

centroavante que defendeu o Tricolor no final dos anos 90 foi Françoaldo Sena de Souza, mais conhecido como França. Artilheiro do paulista de 2000, fez 182 gols com a camisa do São Paulo, o que lhe assegura, pelo menos até agora, a posição de quarto maior artilheiro da história da equipe.

Ainda em 2000, outro grande centroavante veio dar sua contribuição à vitoriosa campanha no Campeonato Paulista daquele ano. Evair, também conhecido por Matador, emprestou toda a sua experiência à jovem e vitoriosa equipe tricolor.

Hoje jogando ao lado de Luís Fabiano, Reinaldo veio do Flamengo com fama de fazedor de gols, fato que vem se concretizando desde sua transferência. Além disso, o Rei do Morumbi está desenvolvendo a capacidade de distribuir bem a bola aos companheiros durante as partidas. Coisas do futebol moderno. Coisas de atacante.

Uma explosão de aventuras

FLAVIA CAVALCANTI, fã de Jorge Pontual na *Casa dos Artistas 3*, já passou por poucas e boas em virtude de seu time do coração

Por Ana Carolina Coutinho

Eram precisamente 11h33 de uma segunda-feira em Guarulhos. Uma multidão lotava o Aeroporto Internacional de São Paulo. Os rostos estavam ansiosos à espera. De repente a gritaria. O avião tão aguardado havia pousado com sucesso. A festa estava só começando. Lá vinham eles. Eram os bicampeões mundiais voltando do Japão. Os jogadores exibiam aquele sorriso franco da vitória. Os torcedores se exaltavam, queriam fotos, autógrafos, cantavam hinos, faziam a maior bagunça. Entre eles, havia uma loirinha, que tinha acabado de completar 15 anos, emocionada por também fazer parte da segunda maior conquista do Tricolor. Seu nome? Flavia Cavalcanti.

"Se a diretoria do São Paulo me desse uma chance como treinadora, não iria se arrepender"

Participante da terceira edição do programa *A Casa dos Artistas*, ela é uma são-paulina genuína. Herdou do pai não só características físicas e emocionais, mas também o gosto pelo futebol e principalmente a paixão pelo São Paulo. "Desde pequeninha, meu pai me ensinou o que é bom. Ele me ensinou a ser são-paulina", enfatiza.

Flavia sempre foi aos estádios. Afinal seu irmão, também são-paulino, não era muito de assistir às partidas pessoalmente. Então ela acabou tomando o lugar dele e acompanhando o pai. Hoje, porém, já não vai tanto porque acha perigoso e sua família não a aconselha. Mas, dia desses, não resistiu. E até terminou sendo surpreendida.

No ano passado, resolveu ver uma partida no Morumbi sem que seus familiares ficassem sabendo. Seu pai estava assistindo ao jogo tranquilamente pela tevê, quando enxergou a filha pulando entre os torcedores. "Com milhares de pessoas ali, foram filmar logo a mim?".

Uma de suas maiores tristezas foi ver o São

Paulo perder o tricampeonato da Libertadores. Foram três dias sem ir ao colégio. E não foi só pela depressão. Ela também tinha medo da gozação de seus amigos que sabiam de sua adoração pelo time.

AMOR PLATÔNICO, PORÉM, REAL

Seu amor pelo clube lhe rendeu outras paixões. Ela era gamada por Juninho, meia-atacante que jogou no São Paulo entre 1993 e 1994.

Flavia tirou fotos com ele no aeroporto, foi ao Centro de Treinamento para conhecê-lo pessoalmente e tem um álbum fotográfico do craque até hoje. E não foi só isso. Certa vez, Juninho brigou feio com o jogador Edmundo. Para defender o atleta são-paulino das acusações de

sua prima, torcedora do adversário, por pouco Flavia não causou um mal-estar familiar. "Quase saímos no tapa", conta. Hoje elas riem. Mas ainda se ligam para contar vantagem quando seus times ganham.

Apesar do amor declarado a Juninho, ela também tinha outros preferidos naquela época. Achava Denílson lindo, Ronaldão também e Raí com aquele 'jeito de homem'.

Dentre todos os atletas da atualidade, Kaká é o representante ideal de beleza masculina. Ela ainda explica por que os atletas tricolores, às vezes, recebem alguns apelidos maldosos. "É puro ciúme. Os jogadores do São Paulo sabem se vestir e falar muito bem. Eles sempre dão uma boa entre-

O FUTURO

Após sua participação na *Casa dos Artistas 3*, Flavia foi convidada para ser repórter de dois programas. Trabalhou no *Piratas da Noite*, do Canal 21, e no *Pirata Urbano*, da All TV, canal de televisão pela internet. Atualmente, está negociando um programa. Por enquanto, prefere não contar em que canal. "Só depois de assinar".





"Sou apaixonada pelo São Paulo"

vista. Além disso, são cheirosos. Também gostam de coisas boas e possuem muito bom gosto. O que os outros têm? Inveja".

E Flavia mostra que também entende de qualidade futebolística. Como exemplo disso e amor à camisa, cita alguns nomes inesquecíveis: Ronaldão, Müller, Denílson, Fabiano, Macedo e Raí. Da nova geração, Kaká e Rogério Ceni fazem sua parte nos gramados. O nome, entretanto, que personifica tudo o que é o São Paulo é o de Telê Santana. "Não tenho nem o que falar. É a cara do clube e não vai existir outro". Apesar de toda a sua admi-

ração pelo ex-técnico, se Telê ainda estivesse no comando da equipe tricolor teria um rival de peso. Ao falar do treinador que escolheria para dirigir o time, Flavia é enfática. "Eu mesma".

TÁTICAS E RITUAIS

Como técnica do São Paulo, ela priorizaria, nos treinos, a defesa. Claro que sem deixar de enfatizar o ataque. Afinal, no futebol quem não faz toma. E gritaria muito com quem não estivesse rendendo o esperado. "É um grande preconceito só existirem técnicos, pois hoje já temos bandeirinhas femininas. As mulheres são mais firmes em suas decisões", completa.

Você deve estar pensando: e no vestiário? Flavia esperaria o banho e, assim que eles tivessem colocado a toalhinha, entraria para

Flavia Cavalcanti

POSAR NUA

Flavia já foi procurada cinco vezes para mostrar suas curvas. Ela, porém, acha que ainda não é o momento. "Meu objetivo é o programa". Mas quem quiser conferir um ensaio sensual da moça pode entrar no site *Virgula*. Segundo Flavia, foi recorde absoluto. Em uma semana de exposição, suas fotos tiveram mais de dois milhões de acessos.

passar o recado. "Se a diretoria do São Paulo me desse uma chance, não iria se arrepender", assegura.

Enquanto não consegue essa oportunidade, ela pratica suas técnicas em casa. Antes de todas as partidas, realiza alguns rituais para garantir a vitória.

Sempre veste a camisa autografada durante suas aventuras no aeroporto e CCT. Também pega a bandeira e a balança duas vezes. Seu lugar no sofá é sagrado. Posição: almofada direita. Caso o time adversário faça gol, o canal pelo qual está acompanhando é mudado de imediato.

Formalmente, não faz parte do ritual. Mas, em todas as partidas, Flavia acaba com suas unhas. "Na última que vi, arranquei todo meu esmalte e comi minha unha. Estava tão bonita", lamenta.

Na hora dos jogos, não sai de casa. No entanto, se tiver algum trabalho naquele período, faz questão de saber o que está acontecendo na partida. Tenta achar alguém que tenha rádio ou walkman. Ou ainda liga para o pai ou o namorado para saber o placar. O ritual é canalizado no pensamento positivo para que tudo dê certo. "Sou apaixonada pelo São Paulo".

FLAVIA CAVALCANTI

Nascimento: 30/11/78

Local: São Paulo

Signo: Sagitário

Altura: 1,68 m

Peso: 49 quilos

Estilo: Meu

O que a relaxa: Banho de hidromassagem

Prato preferido: Salada

Balada: Carnaval fora de época e dançar à noite

Música: Romântica

"O Vento", do Jota Quest

O homem ideal deve sempre:

Me proteger e ser fiel

Ele nunca pode: Mentir

Família: É a minha existência

Partes da casa de que mais gosta: Cozinha e quarto

Sentimento: Amor

Guerra: Não precisava existir

Beleza: Gostar das pessoas

do jeito como elas são

O SÃO PAULO É:

MEU CORAÇÃO

MEU CORAÇÃO



FOTOS TATYANA ALVES

Juventude 2 X 2 São Paulo

1º JOGO

JUVENTUDE

Maurício; Renato, Filipe Alvim e Dante; Mineiro, Evandro, Dionattan, Marcelo e Rafael (Geufer); Michel e Hugo (Gustavo) **Técnico:** Cristóvão Borges

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Fábio Simplício, Júlio Baptista, Marco Antônio (Marcelo Gallo) e Ricardinho; Reinaldo e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols: Hugo aos 36min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 9min, Júlio Baptista, aos 16min e Geufer aos 44min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Luís Fabiano e Júlio Baptista; Maurício • **Cartão vermelho:** Marcelo Gallo • **Data:** 29/03/03 (domingo) • **Juiz:** Paulo Henrique Bezerra • **Local:** Estádio Alfredo Jaconi, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul



O lateral Fabiano é uma das armas do ataque são-paulino

RUBENS CHIRI

São Paulo 2 X 4 Cruzeiro

2º JOGO

SÃO PAULO

Roger; Gabriel (Marco Antônio), Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Fábio Simplício, Júlio Baptista e Ricardinho; Reinaldo, Kléber (Krauss) e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

CRUZEIRO

Gomes; Luisão, Thiago e Edu Dracena; Maurinho, Augusto Recife, Martinez, Alex (Wendell) e Leandro; Deivid (Jussê) e Aristizábal (Marcelo Ramos) **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo

Gols: Alex aos 11min e Deivid aos 14min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 4min, Deivid aos 9min, Luís Fabiano aos 17min e Deivid aos 23min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Luís Fabiano, Fabiano, Ricardinho e Gabriel; Maurinho, Aristizábal, Wendell, Martinez e Alex • **Data:** 06/04/03 (domingo) • **Juiz:** Giuliano Bozzano • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Criciúma 1 X 1 São Paulo

3º JOGO

CRICIÚMA

Fabiano; Paulo Baier, Cametá, Luciano e Luciano Almeida; Cléber Gaúcho (Alexandre), Paulo César, Juca e Dejair; Guilherme (Tico) e Delmer (Saulo) **Técnico:** Edson Valandro

SÃO PAULO

Roger; Fábio Simplício, Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Adriano, Júlio Baptista, Ricardinho e Souza (Rico); Reinaldo (Kléber) e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols: Luís Fabiano aos 7min e Luciano Almeida aos 40min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Adriano, Luís Fabiano, Fabiano, Reinaldo, Fábio Simplício e Gustavo Nery; Paulo César e Paulo Baier • **Cartões vermelhos:** Rico e Dejair • **Data:** 13/04/03 (domingo) • **Juiz:** Aécio Pena Júnior • **Local:** Estádio Heriberto Hülse, Criciúma (SC)

São Paulo 3 X 1 Fortaleza

4º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Adriano, Fábio Simplício (Marcelo Gallo), Júlio Baptista e Ricardinho; Reinaldo e Kléber **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

FORTALEZA

Jefferson; Ronaldo, Fernandão e Erandir; Chiquinho (Mazinho Loyola), Dude, Wendell, Alyson e Sérgio (Rogério); Wesley e Calmon **Técnico:** Ferdinando Teixeira

Gols: Ricardinho aos 3min, Reinaldo aos 9min e Chiquinho aos 15min do primeiro tempo; Gabriel aos 44min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Reinaldo e Jean; Fernandão, Alyson e Chiquinho • **Cartões vermelhos:** Kléber e Dude • **Juiz:** Edilson Soares da Silva • **Data:** 17/04/2003 (quinta-feira) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Paulo 3 X 1 Vasco da Gama

5º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Júlio Baptista (Carlos Alberto), Adriano, Souza (Rico) e Ricardinho; Reinaldo e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

VASCO

Fábio; Wellington Monteiro, Alex, Wellington Paulo e Edinho; Henrique, Bruno Lazoni, Marcelinho Carioca e Léo Lima (Rodrigo Souto); Marques e Souza (Cadu) **Técnico:** Antônio Lopes

Gols: Luís Fabiano aos 30min, Souza aos 40min do primeiro tempo; Marcelinho Carioca aos 11min e Rogério Ceni aos 42min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Jean, Fabiano e Adriano; Wellington Paulo • **Cartão vermelho:** Wellington Monteiro • **Data:** 20/04/03 (domingo) • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Paysandu 5 X 2 São Paulo

6º JOGO

PAYSANDU

Ronaldo; Wellington, Gino, Tinho e Luís Fernando; Bruno, Sandro, Lecheva (Rogerinho) e Iarley; Robson (Zé Augusto) e Velber (Jóbson) **Técnico:** Dario Pereyra

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel (Kléber), Jean, Gustavo Nery e Jorginho Paulista (Régis); Adriano, Júlio Baptista, Carlos Alberto e Ricardinho; Reinaldo (Rico) e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols: Róbson aos 26min, aos 28min e aos 33min do primeiro tempo; Reinaldo aos 12min, Lecheva aos 20min, Iarley aos 31min e Luís Fabiano aos 41min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Reinaldo, Ricardinho e Gustavo Nery; Róbson e Wellington • **Juiz:** Wilson Souza Mendonça • **Data:** 27/04/03 (domingo) • **Local:** Estádio do Mangueirão, Belém (PA)

São Paulo 3 X 2 Figueirense

7º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo, Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Adriano, Júlio Baptista (Kléber), Ricardinho e Kaká; Souza (Ailton) e Luís Fabiano **Técnico:** Roberto Rojas (interino)

FIGUEIRENSE

Edson Bastos; Paulo Sérgio (Juninho), Márcio Goiano (Elói), Cléber e André Luís; Jeovânio, Vagner Mancini, William e Luiz Fernando; Sandro Hiroshi (Oliveira) e Léo Macaé **Técnico:** Wagner Benazzi

Gols: Sandro Hiroshi aos 15min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 10min, Luiz Fernando aos 11min, Luís Fabiano aos 35min e Gustavo Nery aos 45min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Jean; Léo Macaé e Jeovânio • **Juiz:** Jorge Fernando Rabello • **Data:** 04/05/2003 (domingo) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

→ O SPFC conseguiu sua terceira **VITÓRIA** consecutiva na Copa do Brasil diante do Figueirense. A equipe tem mostrado na competição uma pegada de time copeiro

São Paulo 6 X 0 São Raimundo

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel (Daniel Rossi), Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Maldonado, Fábio Simplício, Ricardinho (Marco Antônio) e Kaká (Júlio Baptista); Reinaldo e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

SÃO RAIMUNDO

Iúna; Rincão, Peta, Ademir e Guara (Carlos Alberto); Izac, Doriva, Reginaldo e Valdenir (Rogério); Zedivan (Sydney) e Delmo **Técnico:** Aderbal Lana

Gols: Luís Fabiano a 1min, aos 18min e aos 38min do primeiro tempo; aos 21min e 37min, Fabiano aos 31min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Maldonado, Simplício e Kaká; Sydney, Rogério, Izac, Peta e Reginaldo • **Data:** 12/03/03 (quarta-feira) • **Juiz:** Leonardo Gaciba • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Gama 2 X 2 São Paulo

GAMA

Júlio César; Gustavinho, Nem, Emerson e Rochinha; Goeder, Adelmo (Diego), Wesley e Rodriguinho; Luciano Fonseca (André Barroso) e Leonardo Manzi **Técnico:** Cristiano Baggio

SÃO PAULO

Roger; Gabriel, Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Fábio Simplício, Júlio Baptista, Marco Antônio e Ricardinho; Reinaldo e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols: Reinaldo aos 46min do primeiro tempo; Júlio Baptista aos 16min, Gustavo Nery (contra) aos 20min e Leonardo Manzi aos 38min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fábio Simplício; Adelmo e Emerson • **Data:** 26/03/03 (quarta-feira) • **Juiz:** Lourival Dias Filho • **Local:** Estádio Mané Garrincha, em Brasília (DF)

Dupla do barulho: Júlio Baptista (7) e Reinaldo diante do Gama



RUBENS CHIRI

São Paulo 5 X 1 Gama

SÃO PAULO

Rogério Ceni (Roger); Gabriel, Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Fábio Simplício (Gallo), Júlio Baptista, Marco Antônio (Kléber) e Ricardinho; Reinaldo e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

GAMA

Júlio César; Gustavinho, Nem, Emerson e Rochinha; Goeber, Adelmo (Paulo César), Wesley e Rodriguinho (Romualdo); Luciano Fonseca e Leonardo Manzi **Técnico:** Cristiano Baggio

Gols: Nem aos 23min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 15min, Gabriel aos 24min, Kléber aos 36min, Reinaldo aos 38min e Fabiano aos 42min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fabiano, Júlio Baptista e Gabriel; Rodriguinho, Leonardo Manzi, Adelmo, Júlio César, Wesley e Romualdo • **Data:** 02/04/03 (quarta-feira) • **Juiz:** Alexandre Lourenço Barreto • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

O São Paulo recebeu o Gama no dia 2 de abril no Morumbi. Em noite inspirada, o Tricolor enfiou cinco gols no time de Brasília. Luís Fabiano, Reinaldo, Gabriel, Kléber e Fabiano deixaram sua marca numa partida pra são-paulino nenhum esquecer

Figueirense 0 X 2 São Paulo

FIGUEIRENSE

Edson Bastos; Paulo Sérgio (Zinho), Márcio Goiano, Cleber e Emerson Ávila; Jeovânio, Luciano Sorriso, Bilú e Danilo (Oliveira); Marcelo Régis (Roberto) e Evair **Técnico:** Wagner Benazzi

SÃO PAULO

Roger; Fábio Simplício (Marcelo Gallo), Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Adriano, Júlio Baptista, Ricardinho e Souza; Reinaldo (Kléber) e Luís Fabiano (Rico) **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols: Luís Fabiano aos 45seg do primeiro tempo e Júlio Baptista aos 34min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Adriano, Fábio Simplício e Roger; Márcio Goiano • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon • **Data:** 09/04/2003 (quarta-feira) • **Local:** Estádio Orlando Scarpelli, Florianópolis (SC)

São Paulo 1 X 0 Figueirense

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo (Gabriel), Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Adriano, Júlio Baptista, Ricardinho e Kaká (Ailton); Reinaldo (Rico) e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

FIGUEIRENSE

Edson Bastos; Paulo Sérgio, Márcio Goiano, Cléber e André Luís; Jeovânio, Vagner Mancini, William e Danilo; Evair (Régis) e Sandro Hiroshi **Técnico:** Wagner Benazzi

Gol: Reinaldo aos 21min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Jeovânio, Vagner Mancini e Paulo Sérgio; Luís Fabiano e Kaká • **Cartões vermelhos:** Danilo • **Juiz:** Alício Pena Júnior • **Data:** 01/05/2003 (quinta-feira) • **Local:** Estádio Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

➔ A primeira partida das semifinais marcou o encontro entre o melhor ATAQUE (São Paulo) e, até aquele momento, a melhor defesa do Paulista

SEMIFINAIS

São Paulo 5 X 0 Port. Santista 1º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo, Jean, Régis e Gustavo Nery (Fabiano); Fábio Simplício, Júlio Baptista, Ricardinho e Kaká (Kléber); Reinaldo e Luís Fabiano (Itamar) **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

PORTUGUESA SANTISTA

Maurício; André Astorga (Nelsinho), Zambiasi e Nenê; Vandir, Adriano, Fabrício (Cléderson), Souza e Adavilson; Rico e Eliseu (Reinaldo) **Técnico:** Pepe

Gols: Júlio Baptista aos 27min, Luís Fabiano aos 36min e aos 41min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 17min e Itamar aos 41min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Gustavo Nery, Ricardinho, Régis, Kaká e Fábio Simplício; Vandir, André Astorga e Reinaldo • **Data:** 06/03/2003 (quinta-feira) • **Juiz:** Salvio Spínola Fagundes Filho • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Port. Santista 0 X 1 São Paulo 2º JOGO

PORTUGUESA SANTISTA

Maurício; Vandir, Zambiasi e Nenê; Nelsinho, Adriano, Renato Medeiros (Angelo), Souza e Adavilson; Rico (Marlon) e Reinaldo (Fabrício) **Técnico:** Pepe

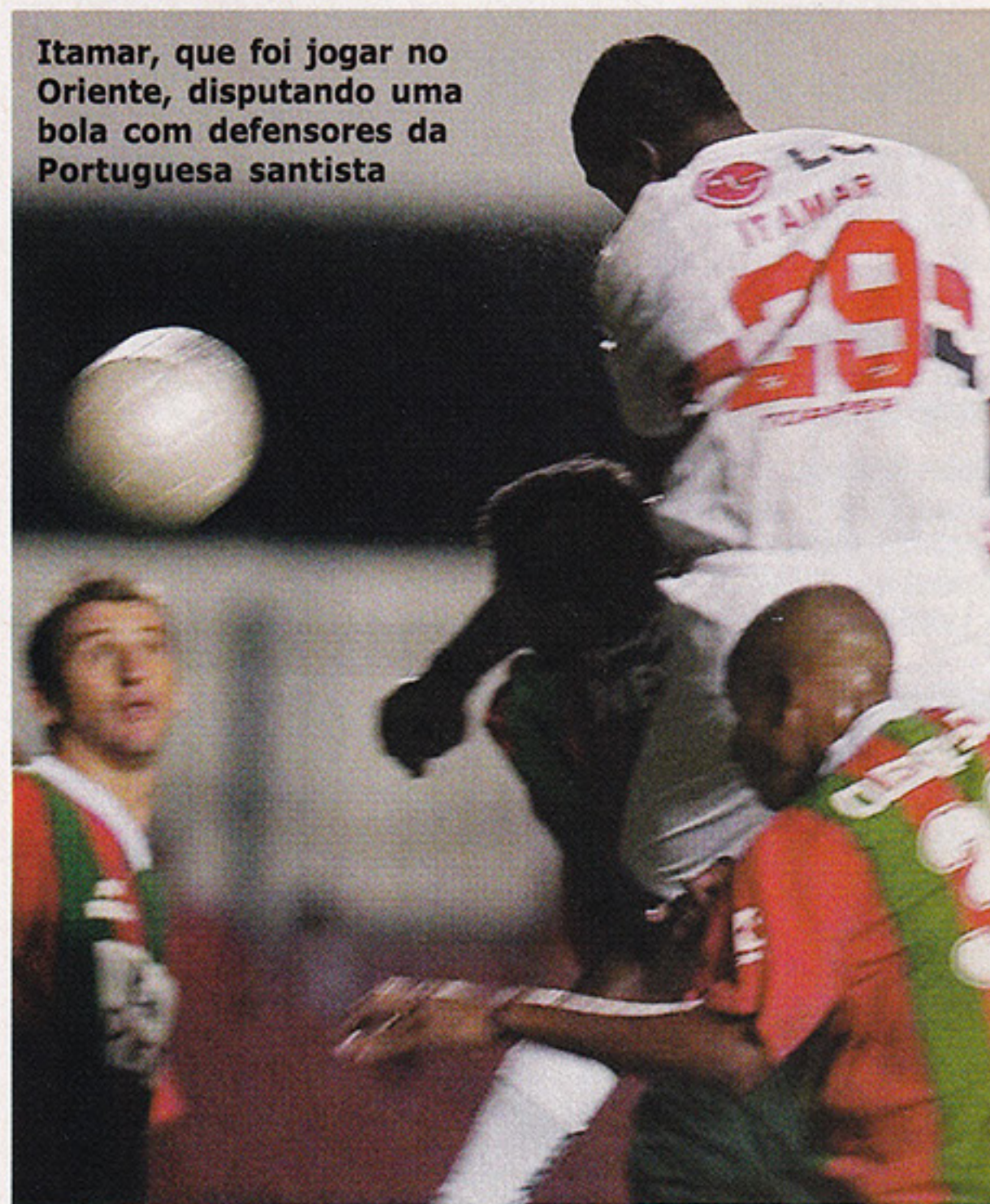
SÃO PAULO

Rogério; Leonardo, Jean, Régis e Gustavo Nery (Fabiano); Maldonado, Júlio Baptista, Adriano (Daniel Rossi) e Kaká (Itamar); Reinaldo e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gol: Luís Fabiano aos 25 min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Luís Fabiano, Adriano e Kaká; Nenê e Renato Medeiros • **Cartões vermelhos:** Maurício • **Data:** 09/03/03 (domingo) • **Juiz:** Rodrigo Martins Cintra • **Local:** Estádio da Vila Belmiro, Santos (SP)

Nos dez minutos iniciais do primeiro jogo, o Tricolor teve duas boas chances com Gustavo Nery e Fábio Simplício. Depois deles, foi a vez de Reinaldo quase marcar um golaço de calcanhar. Aos poucos, o São Paulo dava mostras do que iria aprontar para cima da equipe dirigida pelo veterano Pepe

Itamar, que foi jogar no Oriente, disputando uma bola com defensores da Portuguesa santista



RUBENS CHIRI

FINAIS

São Paulo 2 X 3 Corinthians 1º JOGO

CORINTHIANS

Doni; Rogério, Fábio Luciano, Anderson e Kléber; Fabinho, Vampeta e Jorge Wagner; Leandro (Renato), Liédson e Gil **Técnico:** Geninho

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Júlio Baptista, Jean, Gustavo Nery e Fabiano; Maldonado, Fábio Simplício, Ricardinho e Kaká (Itamar); Luís Fabiano e Reinaldo **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols: Rogério aos 29min e Luís Fabiano aos 33min do primeiro tempo; Fábio Luciano aos 24min, Reinaldo aos 32min e Gil aos 39min • **Cartões amarelos:** Gustavo Nery, Maldonado e Rogério Ceni; Leandro, Liédson e Fábio Luciano • **Data:** 16 de março (domingo) • **Juiz:** Cleber Wellington Abade • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Paulo 2 X 3 Corinthians 2º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni (Roger); Gabriel (Kléber), Jean, Júlio Santos e Fabiano; Júlio Baptista, Fábio Simplício, Ricardinho e Reinaldo; Itamar e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

CORINTHIANS

Doni; Rogério, Fábio Luciano, Anderson e Kléber; Fabinho, Vampeta e Jorge Wagner (Renato); Fumagalli (Roger), Liédson e Gil **Técnico:** Geninho

Gols: Liédson aos 21min e Jorge Wagner aos 47min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 4min, Fabiano aos 17min e Jorge Wagner aos 43min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Júlio Santos e Fabiano; Fabinho e Vampeta • **Cartões vermelhos:** Kléber; Reinaldo e Fábio Simplício • **Data:** 22 de março (sábado) • **Juiz:** Sálvio Espínola Fagundes Filho • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, em São Paulo

Bola Dividida no São Paulo Futebol Center.



São Paulo Futebol Center. Descobrindo craques, formando cidadãos.

Com estrutura e profissionais de alto nível, as escolas de futebol oficiais do São Paulo cuidam de seus alunos com o conceito de qualidade que transformou o São Paulo Futebol Clube em um modelo no futebol brasileiro.

Por isso, se seu filho tem mais de 5 anos, matricule-o em uma das unidades do São Paulo Futebol Center. Ensinar futebol e formar cidadãos é este o nosso grande objetivo.



A ESCOLA OFICIAL DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

PILOTO - TEL/FAX (0XX11) 5073-3343, FREGUESIA DO Ó - TEL/FAX (0XX11) 3931-1522, TATUAPÉ - TEL/FAX (0XX11) 296-6546, TAUBATÉ - TEL/FAX (0XX12) 218-2188, CURITIBA - TEL/FAX (0XX41) 288-1300, OSASCO - TEL/FAX (0XX11) 3683-0600, SANTO AMARO - TEL/FAX (0XX11) 5687-6480, TATUI - TEL/FAX (0XX15) 251-1280, BUTANTÁ - TEL/FAX (0XX11) 3731-8262, CIDADE JARDIM - TEL/FAX (0XX11) 3071-1175, PRESIDENTE PRUDENTE - TEL/FAX (0XX18) 231-3805, ITU - TEL/FAX (0XX11) 4022-0408, RIBEIRÃO PRETO - TEL/FAX (0XX16) 623-1715, MARILIA - TEL/FAX (0XX14) 433-4301, BRAGANÇA PAULISTA - TEL/FAX (0XX11) 4032-7533, GUARULHOS - TEL/FAX (0XX11) 6442-7354, MOGI DAS CRUZES - TEL/FAX 4738-2459, JUNDIAÍ - TEL/FAX 4526-2090, CAMPINAS - TEL/FAX (0XX19) 3237-4777, SOROCABA - TEL/FAX (0XX15) 220-4572, INDAIATUBA - TEL (0XX19) 3834-1530, SÃO BERNARDO DO CAMPO - TEL/FAX (0XX11) 4398-7222, SANTANA - TEL/FAX (0XX11) 6971-1333, ITAPETININGA - TEL/FAX (0XX15) 271-0241



NOVIDADES NO PLANTEL

O São Paulo Futebol Clube reforçou seu elenco para encarar os próximos desafios da temporada 2003. O Tricolor contratou o goleiro Flávio, comprado do Avaí de Santa Catarina; o

volante Carlos Alberto, que chamou a atenção atuando pelo Botafogo do Rio, time pelo qual se sagrou campeão carioca de 2001; o zagueiro uruguaio Diego Lugano e os garotos da

Portuguesa santista Adriano, Souza e Rico, que já havia defendido o time do Morumbi no ano passado e que foi artilheiro da Taça São Paulo de Juniores também em 2002.



ADRIANO Ferreira Silvestre
Nascimento: 10/06/79
Local: Santos
Altura: 1,78 m
Peso: 72 quilos
Posição: meio-campista



CARLOS ALBERTO Pereira Silveira
Nascimento: 23/04/81
Local: Pelotas (RS)
Altura: 1,85 m
Peso: 85 quilos
Posição: volante



William SOUZA
Nascimento: 04/02/79
Local: Maceió (AL)
Altura: 1,76 m
Peso: 77 quilos
Posição: meio-campista



DIEGO Alfredo **LUGANO** Moreno
Nascimento: 02/11/80
Local: Canelones (Uruguai)
Altura: 1,88 m
Peso: 85 quilos
Posição: zagueiro



Leandson Dias Da Silva - RICO
Nascimento: 04/04/81
Local: Recife (PE)
Altura: 1,73 m
Peso: 78 quilos
Posição: atacante



FLÁVIO Roberto Kretzer
Nascimento: 10/02/79
Local: Antônio Carlos (SC)
Altura: 1,96 m
Peso: 93 quilos
Posição: goleiro



RUBENS CHIRI

A equipe coordenada por Aurélio Miguel (*segundo da dir. para a esq.*), que é dirigida por Rogério Sampaio (*primeiro à esq.*) e Luiz Juniti Shinohara (*segundo à esq.*)

SÃO PAULO APRESENTA EQUIPE DE JUDÔ

Detentores dos ouros olímpicos conquistados pelo Brasil no judô, Aurélio Miguel (Seul/88) e Rogério Sampaio (Barcelona/92) passaram a fazer parte da equipe do Tricolor.

O grupo foi apresentado no Estádio do Morumbi, na tarde de 28 de abril, e os principais destaques do time são Edelmar Branco Zanol, Cátia Maia, Danielle Zangrando, Antônio Tenório da Silva e Leandro Guilherme.

Aurélio Miguel será o coordenador da equipe que tem como técnicos Rogério Sampaio e Luiz Juniti Shinohara, atual treinador da seleção brasileira masculina adulta.

JUVENAL JUVÊNCIO: NOVO DIRETOR DE FUTEBOL

O novo diretor de futebol do São Paulo é o advogado e conselheiro vitalício Juvenal Juvêncio (*foto abaixo*). Ele foi apresentado à imprensa e aos jogadores no CCT no dia 14 de maio. Juvêncio assumiu o cargo ocupado anteriormente por Carlos Augusto de Barros e Silva, que pediu demissão em 10 de maio.

O novo membro da diretoria já esteve à frente do departamento de futebol do clube entre 85 e 88. Naquela ocasião, o São Paulo, dirigido por Cilinho e orquestrado em campo pelos Menudos do Morumbi (Silas, Müller e Sydney), foi campeão paulista em 85 e 87. Em 1986, o time venceu o Brasileiro, cuja emocionante final contra o Guarani entrou para a história.

Juvêncio também foi presidente do Tricolor entre 88 e 89, quando a equipe conquistou o Paulista (89) e o Torneio Hexagonal de Guadalajara, México (89). O presidente do São Paulo, Marcelo Portugal Gouvêa, festejou a chegada de Juvêncio. "O São Paulo fez um grande gol trazendo o Juvenal Juvêncio para a diretoria de futebol".



RUBENS CHIRI

Na voz de Paulo Planet

Gino marcou 232 gols pelo São Paulo: clube que tanto amou



REPRODUÇÃO

Simplesmente Gino

Lembro, lembramos todos, pelo menos os mais antigos, quando ele veio, na companhia de Dino Sani, numa transação considerada àquele tempo quase impossível. Porque tratava-se de uma transferência do Palmeiras (Palestra Itália) para o São Paulo, tradicionais inimigos futebolísticos.

Rápido, ambos, grandes jogadores, adaptaram-se ao novo clube, ao qual se arraigaram revelando, a cada partida, todo o seu imenso talento, um como emérito organizador de jogadas e o outro, o Gino, como goleador, ao ponto de ter se transformado no segundo maior goleador da história tricolor, suplantado apenas por Serginho Chulapa.

Depois que Gino se cansou de fazer gols e parou, para a tristeza dos que haviam se acostumado às alegrias que nos proporcionava, principalmente pelos gols de cabeça, sua marca registrada, o São Paulo, grato ao jogador e ao homem que sempre fora, entregou-lhe a administração, nada mais, nada menos, que do Morumbi, estádio que passou a ser a sua casa e pela qual zelava como poucos.

De repente, assim, como sempre sucede em geral com os bons, Deus resolveu chamá-lo e o fez na tranquilidade da interrupção de seu enorme, de seu bondoso, de seu grande coração, onde pulsava, desde há muito, também, a alma são-paulina.

Perdemos Gino, o simplesmente Gino, que se caracterizava pela sua humildade, pela tranquilidade com que caminhava pela vida, sempre que possível, e, quando instado pelos amigos, recordava-se de seus feitos mais importantes, entre os quais as vitórias são-paulinas, ter integrado a seleção nacional e ter marcado em Portugal um belíssimo gol de bicicleta com as cores nacionais.

Gino será sempre lembrado pela torcida, pelos conselheiros, pelos jogadores porque sempre foi pessoa querida, um fantástico jogador que aliava boa técnica com uma garra própria dos lutadores.

Saudades, Gino, saudades de quantos o conheceram bem e sabem, portanto, que grande pessoa humana você foi!



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

Kaká, garoto-propaganda da Campanha do Agasalho 2003

A presidente do Fundo de Solidariedade do Estado de São Paulo, Maria Lucia Alckmin, apresentou aos profissionais da imprensa no dia 28 de abril, no Palácio dos Bandeirantes, o filme publicitário da Campanha do Agasalho 2003, estrelado pelo craque são-paulino Kaká.

Na ocasião, estiveram presentes o diretor presidente da agência de publicidade ADAG e diretor de Comunicações do São Paulo Futebol Clube, Luiz Celso de Piratininga, que representou o presidente tricolor, Marcelo Portugal Gouvêa; Claudio Aida, vice-presidente do Conselho Deliberativo; Edison Zago, presidente do Conselho Fiscal; Edson Francisco Lapolla, então diretor de Marketing do clube; Cláudio Lembo, vice-governador do Estado de São Paulo, e Roberto Dualibi, da DPZ.

A campanha publicitária deste ano foi produzida gratuitamente pela DPZ, que confeccionou o filme, os cartazes e os folders; e pela ADAG, que produziu o jingle e fará a divulgação para rádios, distribuindo uma entrevista gravada com Maria Lucia Alckmin e Kaká.

Para contribuir com a campanha, o São Paulo ofereceu, além da coleta, o uso gratuito do estádio às segundas-feiras para eventos musicais ou futebolísticos.

Os interessados em colaborar com a coleta cedendo espaço em estabelecimentos comerciais, escolas, redes de farmácias e supermercados, entre outros, podem procurar informações no site www.campanhadoagasalho.com.br ou pelo telefone (0xx11) 3874-6738.



Kaká ao lado da primeira-dama do Estado de São Paulo, Maria Lucia Alckmin, e sua filha

RUBENS CHIRI

AGÊNCIA ESTADO

AERÓBICA DO SÃO PAULO É OURO NO JAPÃO



Categoria trio: as ginastas são-paulinas conquistaram o primeiro lugar



Marcela Matos, Cibele Olini e Marina Matos, da Aeróbica do São Paulo, brilharam no Suzuki World Cup que ocorreu entre os dias 18 e 21 de abril, em Tóquio, no Japão.

As belíssimas apresentações renderam ao Tricolor duas medalhas de ouro. Na categoria individual feminino, Marcela Matos sagrou-se bicampeã mundial após derrotar a atleta Yuriko Ito, do Japão.

E, na categoria trio, as ginastas são-paulinas conquistaram o primeiro lugar na competição, deixando o vice-campeonato para a forte equipe masculina da Bulgária.

O Mundial do Japão é o torneio mais importante da modalidade, que reúne atletas de 40 países.

São-Paulino seja Sócio-Torcedor



Foto: Igor Amorim

Confira os benefícios oferecidos ao Sócio-Torcedor:

Categoria Master

Carteirinha, diploma, Revista Oficial SPFC, 10% de desconto nas lojas credenciadas e 05% de desconto nas Escolas Franqueadas SPFCenter, Camisa de Sócio-Torcedor, Vídeo Institucional, Camisa oficial autografada e Visita VIP ao Estádio do Morumbi e CCT;

Categoria Ouro

Carteirinha, diploma, Revista Oficial SPFC, 10% de desconto nas lojas credenciadas e 05% de desconto nas Escolas Franqueadas SPFCenter, Camisa de Sócio-Torcedor, Vídeo Institucional e Camisa oficial autografada;

Categoria Prata

Carteirinha, diploma, Revista Oficial SPFC, 10% de desconto nas lojas credenciadas e 05% de desconto nas Escolas Franqueadas SPFCenter, Camisa de Sócio-Torcedor, Vídeo Institucional e Camisa oficial;

Categoria Bronze

Carteirinha, diploma, Revista Oficial SPFC, 10% de desconto nas lojas credenciadas e 05% de desconto nas Escolas Franqueadas SPFCenter, Camisa de Sócio-Torcedor e Vídeo Institucional;

Informações: tel.0800-120812 / fax.3749-5501

E-mail: sociotorcedor@saopaulofc.net / Site: www.saopaulofc.net

Cadastre-se

Nome: _____ Data Nasc.: ____/____/____

Categoria Escolhida: _____ CPF: _____ RG: _____ Tam. da Camisa: _____

Tel. Residencial: (____) _____ Tel. Celular: (____) _____ Estado Civil: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____ UF: _____



Para se tornar Sócio-Torcedor preencha o cadastro acima e
envie para: Praça. Roberto Gomes Pedrosa, 01 - Morumbi - 05653-070
Diretoria de Comunicações - Sócio-Torcedor





A caravana tricolor com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva; ao lado, Lula entre Kaká e o presidente Marcelo Portugal Gouvêa

Lula tricolor na campanha Fome Zero

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sua esposa, Marisa, e o ministro dos Esportes, Agnelo Queiroz, receberam da diretoria são-paulina e do jogador Kaká as 26 camisas utilizadas pelo São Paulo na vitória sobre o Santos, no dia 15 de fevereiro de 2003, na Vila Belmiro.

As peças deverão ser leiloadas e a renda obtida será revertida para a campanha *Fome Zero*, programa da área social do governo federal. Na ocasião, o presidente Marcelo Portugal Gouvêa também entregou um documento ao presidente Lula em que coloca o Estádio do Morumbi à disposição, uma vez por mês, para eventos em benefício do programa.

Após a cerimônia, Lula conversou com a comissão são-paulina em seu gabinete por cerca de uma hora. O ex-presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio, aproveitou a ocasião para expor alguns dos

problemas que afligem grande parte dos clubes brasileiros.

Fizeram parte da comissão o presidente do São Paulo, Marcelo Portugal Gouvêa, e sua esposa, Rochelle Siqueira; o presidente do Conselho Deliberativo, Luis Cássio dos Santos Werneck; o presidente do Conselho Fiscal, Edison Richelmo Zago; o presidente do Conselho Consultivo, Ives Gandra da Silva Martins; o presidente da OAB/SP e ex-presidente do São Paulo, Carlos Miguel Aidar, e sua esposa, Rosana; o ex-presidente Juvenal Juvêncio; o conselheiro vitalício e ex-secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo Antonio Claudio Mariz de Oliveira; o diretor de comunicações do SPFC, Luiz Celso de Piratininga; o diretor adjunto de Comunicações, Rui Branquinho; a diretora adjunta de Marketing, Cris Juvêncio, e o craque Kaká.



SÃO PAULO NA ESPANHA

No início do mês de abril, o São Paulo enviou à Espanha os conselheiros Edson Francisco Lapolla e Marcos Almeida para que analisassem os sistemas de segurança e de acesso aos estádios implementados pelos clubes locais.

Em visita ao Estádio Santiago Bernabeu, em Madri, os dirigentes são-paulinos conheceram o sistema de segurança chamado Unidade de Controle Operacional, UCO, utilizado em todos os estádios espanhóis por fazer parte de uma das ações governamentais de combate à violência no futebol. O UCO é responsável pelo monitoramento de torcedores próximos ao local em dias de jogos e prevê, além da instalação de câmeras de vídeo em todos os setores do estádio, a numeração dos assentos, a venda antecipada de ingressos e a ação efetiva da polícia local e do corpo de bombeiros.



Conselheiros na Espanha: Francisco Lapolla (*primeiro à dir.*) e Marcos Almeida (*primeiro à esq.*)

Marcos de Almeida e Edson Lapolla apresentaram ao presidente Marcelo Portugal Gouvêa e à diretoria um dossiê completo sobre a viabilidade de implementação dos programas existentes nos estádios espanhóis.

Segundo declaração à imprensa, Lapolla disse que o modelo espanhol de segurança deve ser seguido no Brasil. Para Marcos Almeida, é preciso dotar o futebol brasileiro com leis e regulamentos para que medidas possam ser tomadas a fim de ajudar os clubes.

O outro objetivo dos dirigentes são-paulinos, divulgar a marca do clube no exterior, foi alcançado com o acordo feito com a equipe do Santangelo Club Aficionado, que passará a chamar-se São Paulo Madri – SPM – a partir de 1º de julho. Como representantes

oficiais em Madri, o São Paulo nomeou Fernando Young, engenheiro brasileiro que reside na Espanha e jogador do Santangelo, e Gerardo Aranda Alcocer, diretor-presidente do time espanhol.

Capítulo 2: O São Paulo não está se despedindo de Laudo - Parte 1

Após cumprimentar o general Porphírio da Paz pelas suas palavras brilhantes, o presidente do Conselho Deliberativo do "Mais Querido", Dr. Valdemar Mariz de Oliveira Junior, anunciou a figura do Dr. Piragibe Nogueira, primeiro presidente do São Paulo FC após a fusão com o Estudante Paulista, para saudar a figura de Laudo. Suas palavras aqui estão:

Orador improvisado, é, para mim, uma honra saudar Laudo Natel em nome do Conselho Deliberativo deste São Paulo, cuja vida se insere tanto na do seu líder maior que seria impossível falar de uma delas isoladamente.

O São Paulo da floresta morreu de anemia financeira aguda em 1935. Mais que meios, faltou-lhe o sangue generoso dos que vêm no esporte saúde, alegria e comunicação. São-paulinos ardorosos, como Menzen e Porphírio, preservaram-lhe o nome. Sem praça de esportes, dispondo de um reduzido grupo de atletas e praticamente sem sede, empenharam-se eles pelo interesse e pelo apoio popular, procurando unir o escudo tricolor à bandeira das treze listas na evocação da grandeza de São Paulo. Mas a própria imagem do que fora o São Paulo da floresta fez com que muitos não aceitassem aquele conjunto modesto como guardião do nome que fora glorioso. E não foram poucos os que lhe contestaram o direito de fazê-lo.

CHAMAVAM-NO "SÃO-PAULINHO"

As mãos de Cássio Villaça trouxeram para o São Paulo o "Estudantes" e com ele um grupo de bons jogadores. Absorvendo o "Estudantes" em 1938, pôde o São Paulo montar uma boa equipe, passando a obter resultados que o destacavam.

Iniciava-se a fase de capitalização de prestígio e popularidade que seriam armas para lutas futuras. Evoquem-se Cássio Villaça, José Godoi e o campo emprestado na rua da Mooca. Revigorava-se a imagem popular do clube e a torcida reaparecia. A equipe passou a fazer frente a grandes e aparentemente a ser um deles. Mas, apesar dos esforços dos seus dirigentes, o São Paulo não conseguia firmar-se financeiramente. Compromissos vencidos, e a vencer, ameaçavam-lhe a existência. Décio Pedrosa, Paulo de Carvalho, Nelson Fernandes, Roberto Pedroza e Tomaz Mauri foram os que mais se destacaram nessa fase. Graças a eles, principalmente, é que o São Paulo pôde em 1942 instalar-se no Canindé e, em 1946, adquiri-lo. Naquela modesta praça de esportes, as cores são-paulinas iniciaram uma fase notável de recuperação do atletismo paulista então estagnado. E o São Paulo o fez enfrentar até a subnutrição da maioria dos que nele praticavam o esporte base. Foi campeão estadual de atletismo tantos anos seguidos que dificilmente a série poderá ser repetida. E no futebol, que era e continua sendo a razão maior de sua existência, conquistou vários

campeonatos, mantendo viva a fé são-paulina e alto o seu prestígio popular.

Contava então com o Canindé. Mas continuava financeiramente um enfermo crônico. O contraste entre a imagem popular de "grande" e a realidade material definiu-a Pedroza comparando o São Paulo, de então, com um pórtico barroco de proporções faraônicas abrindo-se para um espaço vazio.

Faltavam ao São Paulo patrimônio e saúde financeira, e ainda assim disputava em 1950 o tricampeonato paulista, título que lhe foi usurpado pelos vendilhões do futebol. Dois anos depois, punha em destaque o atletismo brasileiro com uma marca mundial. Sentiram então os que formavam o cerne da grei são-paulina que era imperioso ultrapassar aquela fase. E iriam fazê-lo a partir de 1952. Surgia então no São Paulo, promovido da torcida para a direção e como tesoureiro, um moço que contrastava o aspecto tranqüilo com o dinamismo e a eficiência de suas decisões: era Laudo Natel.

Logo passou ele a liderar um grupo disposto a uma arrancada, mesmo que fosse necessário carregar o São Paulo nos ombros.

O São Paulo teria que ser "grande" para representar dignamente o maior Estado brasileiro, do qual no esporte empunhava o nome.

Formava-se no São Paulo a "turma da sela" com três grandes líderes: Cícero Pompeu de Toledo, Laudo Natel e Manoel Raymundo. O lema desse trio era "fazer o difícil na hora e o impossível um pouco depois". Cícero, o calmo e obstinado lutador, teve a vida precocemente ceifada por moléstia inexorável. Seu desaparecimento aumentou a responsabilidade de Laudo e de Manoel Raymundo.

Laudo galvanizava a turma da sela, garantindo que o patrimônio potencial que o São Paulo possuía no seio do povo seria transformado um dia em cimento, ferro, vulto arquitetônico e até mesmo em campeonatos, era o impossível e o impossível foi feito.

Tornou-se realidade o Estádio "Cícero Pompeu de Toledo". A empresa era para alguém "fora de série" e Laudo é.

O São Paulo chegava ao Morumbi em 56, quando havia muito ainda para construir. Durante a longa fase da construção, manteve o seu futebol em posição honrosa, mas só em 57 conquistou um campeonato. Em termos de futebol, não foram poucos os que afirmaram que o estádio, absorvendo sua direção, acabaria por soterrar o nome e o prestígio do clube. Suportar incompreensão, indiferença e mesmo hostilidade não foi fácil. Em várias oportunidades, elas surgiram dentro da própria agremiação. Manoel Raymundo foi muito visado. Laudo aceitava as críticas, mesmo as agressivas, com a tranqüilidade que lhe é peculiar. Sem temê-las, sempre soube escolher na hora difícil a decisão mais oportuna.

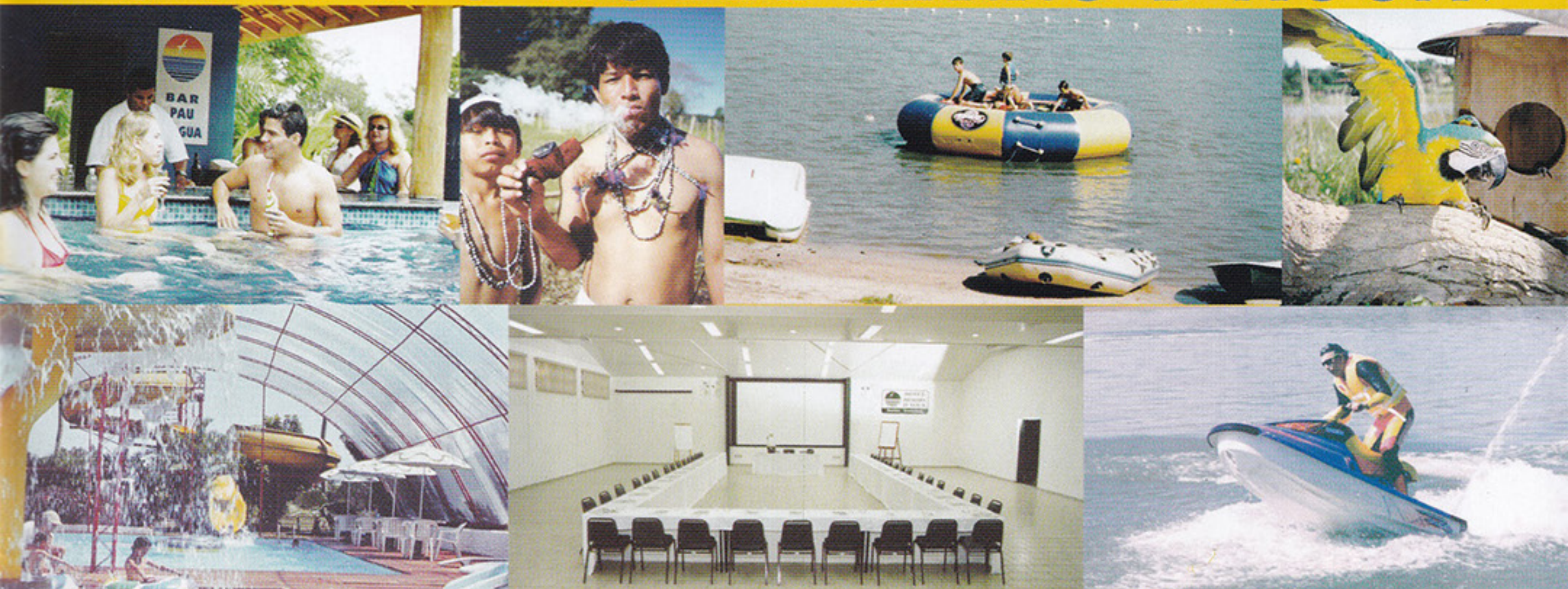




NA 2ª CIDADE MARAVILHOSA,



O Nº1 É O HOTEL BERRO D'ÁGUA.



- Completa estrutura para convenções
- 4 salões nobres, 8 salas de apoio
- Projeto Proteger (animais silvestres)
- Esportes náuticos e Recanto infantil
- Aldeia de Índios Guaranis

- Atividades com monitores
- Piscinas aquecidas e Salão de jogos
- Futebol society e Vôlei de praia
- Quadras de tênis e poliesportiva
- Ginástica, sauna, hidromassagem



Em AVARÉ-SP | RESERVAS **0800-552577**

www.hotelberrodagua.com.br
e-mail: eventos@hotelberrodagua.com.br

Rodovia SP-255, km 268
Represa de Jurumirim

GOSTOU DO TIME? ENTÃO, COLOQUE O SEU EM CIMA.



LINHA TOPPER 2003. PRONTA PARA OS FUTUROS CAMPEÕES.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ